JANAINA FILARDI DA SILVA

(NÃO) COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE MEIO AMBIENTE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: A CRÍTICA e EM TEMPO

MANAUS – AM
Fevereiro, 2020

JANAINA FILARDI DA SILVA

(NÃO) COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE MEIO AMBIENTE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: A CRÍTICA e EM TEMPO

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na Área: Ecossistemas comunicacionais; Linha1: Redes e processos comunicacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Ps. Denize Piccolotto Carvalho

MANAUS - AM
Fevereiro, 2020.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586c

Silva, Janaína Filardi da
(Não) cobertura jornalística sobre meio ambiente nas plataformas digitais: A Crítica e Em Tempo / Janaína Filardi da Silva . 2020
77 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Denize Piccolotto Carvalho
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Jornalismo Ambiental. 2. Ecossistemas Comunicacionais. 3. A Crítica . 4. Em Tempo. I. Carvalho, Denize Piccolotto. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

JANAINA FILARDI DA SILVA

Aprovado em: _____/02/2020.

BANCA EXAMINADORA:

_____ - Presidente

Profa. Dra. Denize Piccolotto Carvalho

Universidade Federal do Amazonas

_____ - Membro interno

Profa. Dr. Jackson Colares da Silva

Universidade Federal do Amazonas

_____ - Membro externo

Prof. Dr. André Salgado Acher Pinto

Instituto Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esta dissertação a todos que me inspiraram, motivaram e efetivamente me ajudaram na jornada do Mestrado em Comunicação. Nomeadamente: minha família; amigos; Universidade Federal do Amazonas; minha orientadora, Profa. Dra. Denize Piccolotto Carvalho, sempre disponível, bem disposta e sempre generosa em todos os momentos que precisei; governo brasileiro, por proporcionar a bolsa CAPES; Universidade do Porto, pela mobilidade acadêmica; e finalmente aos amigos e Mestres, Profa. Wanilce Pimentel, pelo apoio emocional e logístico, na reta final da dissertação; Prof. Bosco Ferreira, principal incentivador e motivador para a realização dessa conquista.

A todos, meus sinceros agradecimentos e reconhecimento.

EPÍGRAFE

“Prazeres momentâneos não valem danos permanentes. Na natureza tudo é perfeito, mas nada é perfeitamente redondo.”

Christian F. Z. Pinho

RESUMO

A pesquisa realizada nessa dissertação de Mestrado versa sobre o Jornalismo Ambiental e a cobertura da notícia sobre meio ambiente nos portais de notícia na internet, das versões eletrônicas dos jornais A Crítica e Em Tempo, da cidade brasileira de Manaus, capital do estado do Amazonas. Tem como objetivo geral analisar conteúdo, periodicidade dos textos jornalísticos sobre meio ambiente nas plataformas digitais de Manaus, no período compreendido entre 2015 e 2017, demonstrando a influência dos Ecossistemas Comunicacionais nos processos comunicacionais da notícia. Tem como objetivos específicos levantar aspectos históricos do Jornalismo; relacionar matérias locais, com agendas ambientais ou ausência delas; identificar agendas ambientais de Manaus. O estudo teve como fio condutor a perspectiva teórico-metodológica dos Ecossistemas Comunicacionais. A metodologia escolhida é de natureza quali-quantitativa, os quais ficaram delimitados em três momentos distintos: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e entrevistas e depois, análise e interpretação de dados. O resultado e análise da pesquisa bibliográfica e coleta de dados demonstraram a existência, ainda que pouco expressiva, de agendas ambientais locais e internacionais nas pautas das notícias ambientais. Apresenta os assuntos mais recorrentes nessas matérias jornalísticas e comprova o baixo número de publicações jornalísticas sobre meio ambiente quando comparada a outras editorias mais comuns como Economia, Política e Esporte. Razões como critérios de noticiabilidade jornalística em detrimento da importância socioambiental da notícia ambiental, interesses políticos e comerciais, são apenas alguns dos motivos na grande teia de interesses envolvidos nos pré-requisitos de quem determina se as pautas ambientais devem ser notícia ou não.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Ecossistemas Comunicacionais; A Crítica; Em Tempo.

ABSTRACT

The research carried out in this Master's thesis deals with Environmental Journalism and the coverage of news about the environment in the Internet, in the electronic versions of the newspapers A Crítica and Em Tempo, in the Brazilian city of Manaus, the most important city in the state of Amazonas. Its general objective is to analyze content, periodicity of journalistic texts on the environment on digital platforms in Manaus, in the period between 2015 and 2017, demonstrating the influence of Communicational Ecosystems in the communicational processes of news. Its specific objectives are to raise historical aspects of Journalism; relate local matters with environmental agendas or their absence; identify environmental agendas in Manaus. The study was guided by the theoretical - methodological perspective of Communicational Ecosystems. The chosen methodology is of a qualitative and quantitative nature, which were delimited in three different moments: bibliographical research, data collection and interviews and then, data analysis and interpretation. The result and analysis of the bibliographic research and data collection demonstrated the existence, although not very significant, of local and international environmental agendas on the agenda of environmental news. It presents the most recurring subjects in these journalistic articles and proves the low number of journalistic publications on the environment when compared to other more common editorials such as Economy, Politics and Sport. Reasons such as criteria for journalistic news, to the detriment of the socio-environmental importance of environmental news, political and commercial interests, are just some of the reasons in the great web of interests involved in the prerequisites of those who determine whether environmental guidelines should be news or not.

Keywords: Environmental Journalism; Communicational Ecosystems; A Crítica; Em Tempo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....6
RESUMO.....8
ABSTRACT.....9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....11
LISTAS DE GRÁFICOS.....11
1. INTRODUÇÃO.....12
2. JORNALISMO AMBIENTAL.....13
2.1 DA ORIGEM DA IMPRENSA AS PLATAFORMAS DIGITAIS DE MANAUS.....13
2.2. JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NA CONTEMPORANEIDADE.....17
2.2.1. Definições e Práticas.....18
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....20
3.1. ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS (EC).....20
3.1.1. Teoria Organizacional.....21
3.1.2. Teoria Instrumentalista.....21
3.2. OBJETIVOS.....22
3.2.1. Objetivo Geral.....22
3.2.2. Objetivos Específicos.....22
3.3. METODOLOGIA.....22
3.3.1. Primeira Fase Pesquisa Bibliográfica e Coleta de Dados.....23
3.3.1.1. Pesquisa bibliográfica.....23
3.3.1.2. Coleta de dados.....23
3.3.1.3. Método a ser utilizado.....24
3.3.1.4. Entrevistas semiestruturadas e em profundidade.....25
3.3.1.5. Delimitação do universo.....25
3.3.1.6. Tipo de amostragem.....26
3.3.2. Segunda Fase Análise e Interpretação dos Resultados.....26
4. JORNALISMO AMBIENTAL E PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA.....27
4.1. A URGÊNCIA DE UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL.....27
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....36
5.1. DIA MUNDIAL SEM TABACO.....44
5.2. DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE.....44
5.3. DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.....45
5.4. SEMANA PRESERVAÇÃO DOS IGARAPÉS.....45
5.5. DIA INTERNACIONAL DA RECICLAGEM.....45
5.6. HORA DO PLANETA.....45
5.7. DIA DO ÍNDIO.....45
5.8. SEMANA DA ÁRVORE E DA ÁGUA.....45
5.9. CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DE 2015.....46
5.10. VIRADA SUSTENTÁVEL.....45
5.11. FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL (FAS).....45
5.12. ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM MARIANA.....45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....61
APÊNDICES.....64
ANEXO.....71

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Resultados da busca na A Crítica.....37
Figura 2 - Resultado busca Em Tempo.....38
Figura 3 - Matéria sobre: “COP 21”. A Crítica 2015.....48
Figura 4 - Matéria sobre: "desmatamento"; "maus tratos animais". A Crítica 2017.....49
Figura 5 - Matéria sobre: "hora do planeta". Em Tempo 2015.....50
Figura 6 - "campanha arboriza Manaus"; Em Tempo 2017.....50
Figura 7 - Matéria sobre: "igarapés"; "caça ilegal". A Crítica 2016.....51
Figura 8 - Matérias sobre: "floresta"; "manejo pirarucu". A Crítica 2015.....52
Figura 9- Matérias sobre: "queimadas"; "campanha arboriza Manaus"; "semana Meio Ambiente". Em Tempo 2016.....53
Figura 10 - "Sauim de coleira". A Crítica 2017.....53

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Temas relacionado com política e economia do Portal A Crítica.....39
Gráfico 2 - Temas relacionado com política e economia do Portal em Tempo.....39
Gráfico 3 - Resultados dos anos de mais publicação de matérias sobre Meio Ambiente do Portal A Crítica.....41
Gráfico 4 - Resultados dos anos de mais publicação de matérias sobre Meio Ambiente do Portal em Tempo.....42
Gráfico 5 - Tipificação das matérias em locais, nacionais e internacionais no Portal A Crítica.....43
Gráfico 6 - Tipificação das matérias em locais, nacionais e internacionais no Portal em Tempo.....43
Gráfico 7 - A CRÍTICA, TOTAL 2015.....54
Gráfico 8 - EM TEMPO, TOTAL 2015.....54
Gráfico 9 - A CRÍTICA, TOTAL 2016.....55
Gráfico 10 - EM TEMPO, TOTAL 2016.....56
Gráfico 11 - A CRÍTICA, TOTAL 2017.....57
Gráfico 12 - EM TEMPO, TOTAL 2017.....57

1. INTRODUÇÃO

A observação empírica, própria do olhar explorador e investigativo do jornalista, no que diz respeito ao pouco conteúdo versando sobre o meio ambiente, sustentabilidade, ecologia, nos jornais da cidade, nas conversas informais do meio acadêmico e diferentes meio ambientes (nesse caso entendido como outras circunstâncias e locais), incitou-nos a problematizar sobre os porquês da pouca quantidade de conteúdos sobre esse tema, e também a refletir sobre a atuação socioambiental do jornalista.

Essa análise se dará a partir da perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais, nos quais os diferentes processos da comunicação são sistêmicos, ou seja, es interligados e são interdependentes. A presente pesquisa foi concebida a partir da preocupação com as questões ambientais e do interesse social em ajudar academicamente, concorrendo para a melhoria de um pensamento mais crítico e reflexivo de quem lê a notícia, bem como de quem a produz. Objetivando dessa forma, identificar as razões pelas quais matérias sobre a temática meio ambiente não têm espaço e frequência destacada nas páginas de notícias diárias. Assim sendo, essa pesquisa pretende demonstrar a essencial relevância de todos os sistemas envolvidos nos processos da comunicação formando redes na grande teia dos processos comunicacionais, esclarecendo e contextualizando conceitos como: ecossistemas comunicacionais, redes, teias, meio ambiente, jornalismo ambiental, sistêmico, entre outros.

A coleta de dados foi realizada na cidade de Manaus, por meio eletrônico nos portais de notícia A crítica e Em Tempo, no período compreendido entre 2015 e 2017, sobre as publicações com temática ambiental.

A pesquisa identificou agendas ambientais locais e internacionais em quantidade pouca expressiva e concluiu também que na maior parte das circunstâncias, as notícias sobre meio ambiente foram publicadas em menor quantidade e destaque do que outras matérias pertencentes a editorias como Política, Economia etc. Observamos que as matérias de temática ambiental atenderam, principalmente, mais aos critérios de noticiabilidade, proximidade, atualidade, ineditismo, conflito, humor,

interesse pessoal, utilidade pública, relevância e importância, do que a sua relevância socioambiental em si.

2. JORNALISMO AMBIENTAL

2.1 DA ORIGEM DA IMPRENSA AS PLATAFORMAS DIGITAIS DE MANAUS

O início da imprensa aconteceu num movimento generalizado de aumento das trocas comerciais que ocorreu em toda Europa a partir dos séculos XVI e XVII. Essas trocas comerciais aconteciam entre mercados comerciais e praças financeiras, dando origem a uma rede mercantil de comércio. Exigiam uma rede física de circulação que criaram redes de informação, das quais são exemplos as redes postais surgidas no século XVI. Como exemplo, tem-se a rede criada e gerida pela família Taxi. Entretanto, a criação da maior parte das redes de notícias postais manuscritas deveu-se às monarquias, que naquela época faziam avançar cada vez mais um intenso processo de centralização estatal que ia progressivamente substituindo a antiga fragmentação das sociedades, especialmente, as feudais.

As inovações tecnológicas, a centralização real, as trocas comerciais e as disputas religiosas constituíram o fundamento das redes de textos manuscritos e impressos que surgiram a partir do século XV. O livro era um dos bens que circulava entre os mercados de trocas, era considerado artigo de luxo, acessível apenas para um reduzido fragmento da sociedade. A tecnologia da impressão mecânica inventada por Gutemberg em 1456 possibilitou a multiplicação de cópias. A tecnologia da imprensa é frequentemente apontada como responsável por consequências sociais profundas. As redes de informação manuscritas – rede de trocas de informação (*Avisi, Newsletters, nouvelles à la main*, avisos e gazetas), eram gêneros de publicação manuscritas que eram essencialmente instrumentos de informação que falavam sobre o preço em mercados distantes, letras de créditos, chegadas de navios etc. Circulavam ponto a ponto. Não eram instrumentos de comunicação no sentido de colocarem dois ou mais indivíduos face a face; eram apenas meios para fins da atividade comercial. Esses tipos de publicações, já difundidas sob forma impressa, não apenas escrito à mão, existiram durante muito tempo, e formavam redes de trocas (de notícias), correspondendo a uma ligação à difusão de informação de uma origem para um destino não implicando necessariamente a uma difusão no sentido

inverso. Cada publicação era um nó que estabelecia ligações com outros nós ao copiar as suas notícias e assim ocasionavam a emergência de novos nós. Essa dinâmica teve lugar no séc. XVII, quando as publicações reproduziam os títulos e conteúdos umas das outras.

A formação de redes através de cópias continuava a ser traduções de outras publicações, focando em assuntos de natureza comercial, mas também (século XVII), notícias do estrangeiro sobre as guerras em curso.

A primeira e mais importante foi a Gazette, criada em Paris em 1631. Começou por imprimir *Nouvelles à la main*, informação manuscrita de circulação ponto a ponto, com objetivo inicial de tornar mais líquidas as trocas comerciais. Depois passou a dar crescente importância às notícias da corte. A proliferação quase simultânea das gazetas está enraizada nas externalidades em rede de informação: as notícias de uma gazeta eram derivadas das notícias de outras gazetas. A identidade temática das gazetas desdobra-se não só nas diferenças espaços temporais, mas também na diferença simbólica e social associada à figura do rei e da corte.

Para entender a evolução da imprensa periódica até o século XVIII, deve-se contextualizar o período conhecido como Antigo Regime, que consistia na representação da sociedade como um corpo único. Esse corpo único possuía diferenças internas correspondentes às ordens ou Estados (clero, nobreza etc.), essas ordens tinham privilégios como por exemplo, não pagar impostos; essa estrutura formava uma sociedade orgânica, um corpo único, que tinha na sua cabeça, o Rei. Sobre essa sociedade de corpos, António Machuco Rosa explica:

> Nesse contexto de uma sociedade de corpos orgânicos, nada mais natural que o rei - e com ele a corte - reservasse para si a publicidade das notícias; e nada também mais natural que estas devessem ter como primeiro objectivo a exibição simbólica da realeza enquanto entidade visível, da qual a ordem pública dependia. Sempre nesse contexto, tinha de estar quase completamente ausente a ideia de uma imprensa autónoma que evoluísse segundo o modo da discussão ou do debate, pois o próprio conceito de sociedade autónoma não fazia sentido numa estrutura social de corpos simultaneamente solidários e desiguais. (ROSA, 2016, p. 33).

Nesse sentido, nas publicações predominavam conteúdos sobre o rei, a realeza. Não existia uma imprensa autônoma nessa estrutura social de corpos desiguais. O que existia era a exibição puramente unilateral da fonte do corpo social único. O Rei era o mediador externo, fonte do corpo social.

É na altura em que se diminui a intensidade da proteção (monopólios e *copyrights*) que a imprensa inglesa começa a adquirir seus traços modernos, com o nascimento de periódicos como Tatler, criado por Richard Steele em 1709, com periodicidade tri semanal; e depois o The Spectator, com publicação diária em 1711. Estes periódicos ingleses representavam um novo modelo de publicação, diferente daquelas do Antigo Regime.

Com a imposição do imposto de selo em 1712 que passou a onerar os periódicos até 50% do valor de venda, culminou no encerramento do Spectator e outros periódicos ao longo do século, contudo não foi suficiente para impedir a tendência que já vinha dos finais do século XVII: a emergência de um espaço de discussão e comunicação pública. Na obra de Jurgen Habermas (1989) designou-se por constituição da Esfera Pública: o movimento cuja gênese terá durado cerca de 150 anos (final século XVIII) e que se solidificou cada vez mais apesar das contra tendências institucionais e ideológicas originadas em sociedades tradicionais de ordens e corpos.

Habermas (1989) salientou que a emergência de uma esfera pública se situa em um nível de discussão política ampla baseada num espaço de comunicação cada vez mais alargado e mediado pelos jornais. A exemplo do Tatler que publicava notícias enviadas diretamente dos cafés.

Foi durante a primeira metade do século XIX que surgiu a revolução industrial da Imprensa. Antes de mais nada tratou-se mais de uma revolução tecnológica mas que deve ser compreendida com outros fatores: as dinâmicas econômicas induzidas pelas tecnologias de impressão; o papel desempenhado pelos meios de comunicação nas estradas de ferro e o telégrafo; a organização empresarial dos jornais; as mudanças nos quadros regulamentadores da imprensa; algumas mutações sociológicas e a presença autônoma do social em si. Contudo as inovações tecnológicas foram muito importantes. A imprensa manual de Gutemberg imprimia 50 páginas por hora atingindo um máximo de 250 páginas por hora. No final do século já se imprimiam até 24000 páginas por hora.

Esses fatores tecnológicos ligados às produções conjugadas com as redes tecnológicas de trocas, em especial o caminho de ferro e o telégrafo, integraram a infraestrutura de distribuição, circulação de notícias que marcaram o século XIX. A revolução tecnológica criou as condições que tornaram possível um novo modelo econômico de exploração da informação.

A institucionalização social desse regime de mediação interna é um fator tão ou mais decisivo que os fatores causais, tecnológicos, econômicos e reguladores, que fizeram emergir a imprensa de massas. Na época do surgimento da imprensa popular,

Tocqueville (1961) designava “igualdade de condições” em contraposição `a desigualdade de condições.

Sobre a igualdade de condições, os indivíduos são anteriores às posições que eles podem vir a ocupar. Todos os indivíduos são intercambiáveis nas suas posições. A igualdade de condições é mais uma norma do que uma condição real já plenamente atingida. Significa que ao longo do tempo, todos têm a possibilidade de mudar a posição. Diferente do modelo seguido no antigo regime.

Com o avançar das décadas foram ocorrendo mudanças nos regimes políticos e sociais em vários países da Europa e também no Brasil, e a imprensa e o modelo de produção jornalística foi se adaptando as novas ordens políticas, sociais e tecnológicas vigentes. Outras revoluções tecnológicas aconteceram entre elas a criação da internet que gerou novas ferramentas e tecnologias de comunicação.

Após o surgimento da imprensa e da rádio, a internet é o meio de comunicação de massa que genuinamente introduz uma revolução conceitual na estrutura do funcionamento dos meios de comunicação social. Algumas das suas características já tinham sido antecipadas pelo telefone e pelo telégrafo os quais amadureceram para o modelo *broadcasting* da rádio ou se mantiveram como meios muito específicos. As características tecnológicas da internet foram primordiais para o desenvolvimento dos modelos de comunicação global tecnológica como conhecemos atualmente, tal como ocorreu com outros meios, o objetivo inicial da internet pouco tinha a ver com a comunicação direta, individual ou plural entre as pessoas.

Importante ter em atenção que desde os primórdios da imprensa, a comunicação sempre teve grande valor não só como meio, mas também como mensagem. Desde a monarquia a comunicação era mecanismo de poder, centralização e manipulação dos que estavam no poder. Essa lógica ainda existe. Entretanto, com a democratização da informação principalmente a partir do advento da globalização e as tecnologias de informação e comunicação, como conhecemos hoje (telefones móveis, *smartphones*; relógios inteligentes, *smartwatchs*; computadores etc.) se tornou possível o acesso indiscriminado a notícia, por meio da internet. Diferente de como acontecia em séculos passados, que a fonte principal de notícia consistia em jornal impresso ou rádio ou televisão, atualmente a notícia se dá simultaneamente por meio de texto,

áudio e imagem e ainda permite que o internauta interaja, tudo isso através de um único meio: a internet.

2.2. JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NA CONTEMPORANEIDADE

A cobertura do meio ambiente, ganhou algum espaço, nos últimos anos em razão do surgimento de temas relevantes e polêmicos, como biopirataria, transgênicos, desastres naturais, mudanças climáticas, sustentabilidade e outros.

Entretanto, no dia a dia não tem havido um acompanhamento sistemático no intuito de definir os limites dessa área e refinar conceitos e até mesmo na pouco expressiva realização de pesquisas acadêmicas para avaliar quantitativa e qualitativamente, o perfil desta cobertura.

O acompanhamento midiático, geralmente, da grande imprensa com algumas exceções têm sido no sentindo de fazer acontecimentos como desastres naturais e crimes ambientais figurem como notícia-espetáculo, sem voltar para acompanhar o desdobramento e repercussão daqueles eventos, com frequência é comum notar que a notícia de meio ambiente só tem espaço enquanto é factual.

A notícia de meio ambiente, aquela que também milita em favor de minorias à exemplo dos segmentos desmobilizados da sociedade (pequenos produtores rurais, povos da floresta, nordestinos, povos ribeirinhos, quilombolas, indígenas etc.) têm uma concorrência quase que esmagadora representada pelas assessorias e agências de notícias que representam os *lobbies* das multinacionais do agronegócio, laboratórios milionários da indústria farmacêutica etc.

A importância da internet tem colaborado para o fortalecimento do aumento de uma maior consciência ambiental. As novas tecnologias de comunicação também têm figurado como meio, mas como também protagonista no incremento do debate em algumas faculdades Jornalismo, na sociedade civil, nas redações dos jornais, no sentido de cada vez mais abrir espaço para pauta ambiental.

É necessário que comunicadores estejam conscientes que fazer jornalismo Ambiental requer militância, profissionalismo, ética e capacitação. Neste novo conceito de jornalismo ambiental, para além dos paradigmas dos manuais de redação, tem-se em consideração uma visão inter e multidisciplinar, que ultrapassa as

fronteiras dos cadernos e das editorias dos veículos de comunicação; em jornalismo ambiental não se quer a fragmentação seguida pelo sistema de produção jornalística o qual fragiliza a cobertura de temas ambientais, que sempre possuem em seu núcleo uma razão/causa plural.

Para estabelecermos uma definição de jornalismo ambiental recorreremos a definição utilizada por Bueno (2007, p. 29):

> O jornalismo ambiental anseia por um conceito, que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico… e que não se apoie em um jornalismo cultural, quase sempre tipificado pelo diálogo surdo das elites.

O jornalismo ambiental tem sua própria identidade, ainda que tenha sua gênese em todos os jornalismos, especializados ou não. Ele é comprometido com a qualidade de vida e com a garantia do exercício da cidadania. Não deve se comprometer com a isenção (à exemplo do que ditam os manuais de jornalismo), pois é costume estar em embates envolvendo jogos de interesses que geralmente não favorecem as minorias desassistidas e muito menos o bem-estar da coletividade.

2.2.1. Definições e Práticas

Os conceitos de jornalismo ambiental remetem-nos a dois núcleos semânticos diferentes: O primeiro é jornalismo e o outro é ambiente (meio ambiente). Neste estudo iremos admitir que jornalismo será entendido como prática jornalística, desenvolvida por profissional da área que tem por objetivo: comunicar, conscientizar, relatar, reportar, informar, transmitir conhecimento, manifestação da prática jornalística. Já o termo ambiente, será assumido como tudo que diz respeito às causas ambientais, temas sobre meio ambiente. Assim:

> Jornalismo ambiental, é o jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa. Ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editorias/cadernos sobre meio ambiente publicadas na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente. (BUENO, 2007, p. 31).

É comum observar no termo Meio Ambiente, várias significações dependendo do contexto, de quem manipula a acepção da expressão (meio ambiente), para uma melhor compreensão do campo estabelecido pelo jornalismo ambiental, assumimos a percepção de meio ambiente:

> Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes etc.) mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia etc.). (BUENO, 2007, p. 33).

Isso implica em constatarmos que o jornalismo de meio ambiente abrange um diversificado grupo de temas: a conservação, produção e utilização da energia; lixo industrial e resíduo doméstico; transgênicos; mudanças climáticas; agroecologia; consumo consciente; sustentabilidade; agrotóxicos; ocupação desordenada do meio urbano; conhecimento e saberes dos povos ancestrais; proteção da fauna e flora; poluição; biodiversidade; acidentes ambientais, entre tantos outros.

Esta vasta opção de temas não deve afastar o comunicador/jornalista ambiental da visão sistêmica (que será apresentada em outros tópicos desta pesquisa) ou seja, é necessário entender que meio biológico e físico, pessoas e natureza, sociedade e cultura, estão todos conectados direta e/ou indiretamente. Atendendo ao que a visão sistêmica de Bertalanffy (1950) postula, nessa perspectiva sistêmica, a questão ambiental não deve privilegiar as partes em detrimento do todo e vice-versa.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A temática ambiental não é um assunto visto diariamente e com frequência nas editorias dos jornais diários. A preservação do meio ambiente e a sua degradação possui relação direta e indireta na vida e manutenção de todos os viventes do planeta terra. Diante do cenário de uma possível escassez de produtos agrícolas, extinção de alguns animais, eventos extremos, desastres ambientes, aquecimento global e mudanças climáticas, só para citar exemplos, se faz muito importante viver de uma forma mais equilibrada e sustentável.

O comunicador não só desempenha uma função de disseminador, divulgador de notícias e informações como também desempenha um papel social fundamental na sociedade, ajudando a deixar a sua audiência mais bem informada e oferecendo mais subsídios para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e esclarecida sobre a problemática ambiental.

Em Manaus, observamos que matérias sobre questões ambientais, não têm espaço nem frequência equivalente às de outras editorias mais comuns dos meios de comunicação de massa, e principalmente, não fazem parte dos assuntos preferidos da maioria das pessoas, como acontece em relação a assuntos sobre política, saúde, economia, esportes etc.

A partir dessas inquietações, formulamos as principais questões norteadoras da dissertação:

Por que existem poucas matérias com temática sobre meio ambiente, nas plataformas digitais de Manaus?
Existem editorias de meio ambiente nos jornais *on-line*?
Existe algum agendamento de notícias ambientais na cidade?

Para subsidiar as respostas às inquietações dessa pesquisa apresentamos a perspectiva Teórico-Metodológica dos Ecossistemas Comunicacionais e as seguintes Teorias da Comunicação:

3.1. ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS (EC)

Na perspectiva dos EC, busca-se entender que o homem, o ambiente, a natureza, a sociedade, as ferramentas tecnológicas e todos os infinitos sistemas que o compõem, formam uma grande teia na qual influenciam e são influenciados. A convergência da visão sistêmica, com o pensamento complexo, não linear, transdisciplinar e interdependente, propõe um novo paradigma para os processos comunicacionais, feito por meio dos EC, que é uma abordagem diferenciada, ou seja, uma nova perspectiva teórico-metodológica para se produzir e entender os processos comunicacionais, baseado na visão ecológica, proposta por Capra (2006); tal visão concebe o mundo de maneira holística, como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas. O termo Ecológico, utilizado por Capra (2006), está ligado a uma escola filosófica específica, criada pelo filósofo norueguês, Arne Naess, em 1970, chamada Ecologia Profunda, que difere da Ecologia Rasa, antropocêntrica. Na Ecologia Profunda, não se separa seres humanos ou qualquer outro ser vivo do meio ambiente natural. A perspectiva Ecossistêmica reconhece a interdependência fundamental de todos os sistemas, enquanto indivíduos e sociedades, estando todos conectados em processos cíclicos formando teias.

3.1.1. Teoria Organizacional

Nessa teoria, o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização. O fator econômico é o mais influente, o que coloca a Teoria como uma vertente da ação política. Segundo os estudos de Warren Breed (1955) o contexto profissional, organizativo-burocrático, exerce influência decisiva nas escolhas do jornalista. A autonomia do jornalista é consentida, ou seja, só pode ser exercida se estiver de acordo com os preceitos da empresa.

3.1.2. Teoria Instrumentalista

Através da Teoria Instrumentalista, as notícias servem objetivamente a determinados interesses políticos. O Instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos. Segundo Chomsky e Herman

(1979), um dos mais famosos representantes da Teoria, a imprensa está subordinada aos interesses da elite político-econômica. Os autores consideram as reportagens como campanhas de publicidade maciças, pois priorizam interesses específicos e servem para mobilizar a opinião pública em uma determinada direção. Os donos de jornal dizem aos seus diretores que assuntos querem em pauta e estes mobilizam seus repórteres.

3.2. OBJETIVOS

3.2.1. Objetivo Geral

- Analisar conteúdo, periodicidade dos textos jornalísticos sobre meio ambiente nas plataformas digitais de Manaus, demonstrando a influência dos Ecossistemas Comunicacionais nos processos comunicacionais da notícia.

3.2.2. Objetivos Específicos

- Levantar aspectos históricos do Jornalismo;
- Relacionar matérias locais, com agendas ambientais ou ausência delas;
- Identificar agendas ambientais de Manaus.

3.3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida é de natureza quali-quantitativa, os quais ficaram delimitados em três momentos distintos: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e entrevistas e depois, análise e interpretação de dados obtidos a partir da coleta da análise de conteúdo de dados e das entrevistas (semiestruturada e em profundidade) com a participação de sujeitos situados nos contextos digitais.

Para análise dos dados será utilizada a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2010). Pois se apresenta como um dos métodos mais eficientes para rastrear informação dado a sua excelente capacidade de fazer interferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado. (SANTOS, 1997).

O método qualitativo será aplicado na análise de entrevistas semiestruturadas e em profundidade com jornalistas. Isso permitirá aferir outros aspectos que não serão possíveis de analisar apenas por meio da investigação do que ficou impresso nas matérias sobre meio ambiente de 2015 a 2017.

3.3.1. Primeira Fase: Pesquisa Bibliográfica e Coleta de Dados

3.3.1.1. Pesquisa bibliográfica

Essa etapa já foi iniciada a partir do início das disciplinas do curso, na produção de trabalhos para obtenção de nota das disciplinas, e produção de artigos apresentados em conferências e congressos internacionais, publicação em livro e Mobilidade acadêmica realizada no Mestrado de Comunicação da Faculdade de Letras na Universidade do Porto em Portugal. Além das bibliografias já pesquisadas para trabalhos científicos realizados no decorrer do Mestrado, apresentamos também sugestão de artigos e outras bibliografias que foram consultados e que estão presentes na pesquisa e referidas na seção final do trabalho em referências.

3.3.1.2. Coleta de dados

Esta pesquisa realizou análise de conteúdo pelo fato de ser utilizada para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. Conforme enuncia Santos:

> A análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens, consagrou-se na segunda metade do século XX com trabalhos seminais de Klaus Krippendroff e de Robert Weber. (SANTOS, 1997, P.125).

Amparada nos pressupostos acima, procedemos à análise do conteúdo jornalístico publicado nas plataformas digitais, A Crítica e Em Tempo, sobre meio ambiente de 2015 a 2017. A escolha por pesquisar em meio digital se deu principalmente pelo fator acessibilidade. Hoje em dia, observa-se com frequência o acesso à notícia mais comum por meio de telefones móveis, *smart phones, tablets* e tantos outros meios eletrônicos do que como era comum no passado, quando as pessoas tinham acesso à notícia primordialmente pelos meios impressos. Sobre isso Lévy (2013) explica:

> Até meados de 2000, a elaboração de *sites* estava restrita a um número reduzido de profissionais especializados que dominavam as ferramentas específicas para tal. Assim, para a maioria dos internautas, só havia a possibilidade de acessar os conteúdos das páginas na internet. Essa fase é considerada como a Web 1.0. Com advento da Web 2.0, a situação se transforma, pois passa a existir a possibilidade de todos produzirem conteúdo personalizado e dispô-lo com facilidade para acesso público. (LÉVY, 2013, p. 152).

Ainda sobre a escolha destes portais eletrônicos diários, decidimos analisá-los também pelo fato de possuírem características em comum, observadas pelo fato de serem *sites* que também possuem versões impressas em atividade, e têm grande circulação na cidade de Manaus. O método consistirá no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados nas plataformas digitais de janeiro a dezembro, dos anos 2015 a 2017. Faremos inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise. Os critérios adotados na seleção dos textos estão centrados no fato de trazerem as palavras-chave meio ambiente, sustentabilidade, ecológico, e pertencerem ao gênero informativo do jornalismo em seus formatos notícia e reportagem descritos por Melo (2010).

3.3.1.3. Método a ser utilizado

A pesquisa foi desenvolvida dentro dos princípios do método dialético e estará voltada para a compreensão e análise crítica do papel do jornalista numa perspectiva qualitativa.

Na fase da análise de dados nas plataformas digitais, lançamos mão das versões *on-line* dos seguintes jornais de grande circulação de Manaus: A Crítica e Em Tempo, analisando os textos jornalísticos sobre meio ambiente, relacionados por assunto, periodicidade e categorização, utilizando a técnica da análise de conteúdo.

3.3.1.4. Entrevistas semiestruturadas e em profundidade

Foi realizada a aplicação de entrevistas aos profissionais de comunicação que trabalham no setor de jornalismo dos portais escolhidos para a presente pesquisa e que exercem funções de chefia.

A entrevista suscitou respostas a questões sobre a escolha das pautas por parte desses profissionais que escrevem e, principalmente, decidem e aprovam as pautas, matérias, artigos, e reportagens ambientais.

Portanto, a entrevista permitiu o levantamento de dados de forma mais aprofundada, além de possibilitar o estabelecimento de um estreito diálogo entre o pesquisador e o pesquisado.

3.3.1.5. Delimitação do universo

Fizeram parte da investigação *sites*, plataformas digitais de jornais *on-line* da cidade de Manaus. O critério para escolha dos portais foi o de analisar as versões *on-line* de alguns jornais impressos de Manaus mais antigos e atuantes na cidade. A opção pelo meio digital se deu pelo fenômeno da internet ganhar espaço e modificar a rotina das pessoas, inclusive a respeito de como ter acesso à informação. Observamos que as pessoas que antes se informavam por meio do jornal impresso passam a ler a notícia por meio de aparelhos eletrônicos de forma mais habitual.

Os portais que analisamos são: A Crítica e Em Tempo. Todos são jornais que integram veículos de massa, grande circulação, possuem cadernos e editorias genéricas e especializadas e até hoje possuem as versões impressas.

3.3.1.6. Tipo de amostragem

A nossa ideia é entender quem são os profissionais do meio de comunicação que estão envolvidos na aprovação (ou não) da pauta e da consequente produção (ou não) da notícia sobre meio ambiente; e entender quais os critérios para aprovação das matérias de meio ambiente (ou não). Para tanto, entrevistamos editores e chefias.

A amostragem que utilizaremos para a nossa população será o censo, tendo em vista que a nossa população é pequena. Para tanto, entrevistaremos 1 Editor do Portal A Crítica e 1 Editor do Portal Em Tempo.

3.3.2. Segunda Fase: Análise e Interpretação dos Resultados

A análise se deu em três momentos: no primeiro momento os dados pesquisados foram organizados, onde se definiu, principalmente, as unidades de registros, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. O segundo momento compreendeu a aplicação do que foi definido no momento anterior. Isso denota um maior tempo, pois, é necessário ler várias vezes o mesmo material, podendo até retomar o trabalho novamente do ponto de partida.

O terceiro e último momento foi a análise final dos dados com ênfase no aspecto qualitativo, mas, sem desconsiderar os dados estatísticos que compuseram o contexto das informações/conteúdos levantados durante a pesquisa.

Nessa perspectiva, entendemos que a autora Bardin (2010) destaca que não há consenso na produção de conhecimento, portanto, os resultados devem ser entendidos numa aproximação com a realidade, dentro de um contexto social, sem a pretensão de reduzi-la aos dados de uma pesquisa.

Análise final dos dados e elaboração de relatórios: conclusão do trabalho articulando os dados analisados aos referenciais teóricos da pesquisa, no afã de responder aos objetivos traçados no início da pesquisa. O que resultou numa “relação entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática”. (MINAYO, 1992, p.79).

Destaque-se que a conclusão divulgada, não será um documento acabado, e nem tampouco com conhecimentos perenes, mas possíveis de serem pesquisados e referenciados.

4. JORNALISMO AMBIENTAL E PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA

4.1. A URGÊNCIA DE UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

O modo de produção extrativista e mercantilista praticado por séculos até os dias atuais visa o mais alto nível possível de acumulação dominando e explorando a natureza de maneira predatória devastando todos os seus bens e serviços. Para estes propósitos se utilizam todas as formas de exploração desde as mais sujas, como àquelas ligadas à mineração e à extração de petróleo e gás, até as menos perceptíveis, que utilizam a genética e a nanotecnologia.

O que mais agride o equilíbrio vital do planeta é o uso de agrotóxicos e pesticidas, que destroem micro-organismos que habitam o solo, as águas e o ar, destruindo todas as diversidades de formas de vida. Com a permanente e irresponsável intervenção humana em busca dos recursos naturais ocorrida nos últimos séculos, inauguramos uma nova era geológica chamada de Antropoceno que segundo Viola (2016, p. 8), essa Era simboliza uma grande mudança no planeta Terra nunca experimentada pelos seres humanos. É caracterizada pela capacidade de destruição do ser humano, acelerando o desaparecimento natural das espécies do planeta. De acordo com o estudo publicado pelo Fundo das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) “mais de 122% das plantas do mundo se encontram sob risco de extinção devido à perda de seus habitats naturais em consequência do desmatamento em função da produção de alimentos, do agronegócio e da pecuária” (ANUÁRIO PNUMA, 2011, p.12 APUD BOFF, 2012, p.22).

Em decorrência da ganância humana e do desejo incessante da acumulação, convivemos com problemas reais em escala mundial como. por exemplo: a ruptura da camada de ozônio, escassez de recursos naturais, alguns desses próximos do esgotamento, como o petróleo e o gás, perda crescente de biodiversidade, desflorestamento, acúmulo excessivo de dejetos domésticos e industriais, poluição dos oceanos, e como consequência de todos esses fatos negativos, o aquecimento global.

O aquecimento da Terra foi crescendo lentamente até alcançar um nível perigoso. E podemos observar as reações da natureza em alguns eventos extremos como, por exemplo, furacões, ondas de calor, ciclones, derretimento das geleiras, desertificação, que são resultantes desse aquecimento, como vemos a seguir:

> Por um lado, arrasadoras enchentes; por outro, tórridas secas, a irrupção de tufões devastadores, a fome de milhões, a destruição de safras provocando a emigração de populações inteiras e a alta dos preços dos alimentos (*commodities*), a disputa por espaços e por recursos e guerras tribais. (BOFF, 2012, p.27).

Estes desastres, eventos extremos, decorrentes do aquecimento do planeta nos convida a refletir sobre a urgência de refletirmos sobre a sustentabilidade de uma forma mais realista, prática, e descartar os modismos e discussões vazias sobre o tema. Concretamente deve-se viabilizar a convergência da aplicabilidade complexa de todos os sistemas envolvidos: natureza, seres humanos, cultura, política etc. a exemplo do que se observa no funcionamento dos Ecossistemas Comunicacionais.

Em decorrência da preocupação global com todos esses desastres e as consequências sofridas por causa da má utilização do meio ambiente, todos esses temas passaram a fazer parte da pauta de encontros internacionais envolvendo chefes de Estado, cientistas, religiosos, ambientalistas, políticos, jornalistas e diversas organizações para estabelecer metas para a preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, no interesse da preservação da casa comum de todos os seres: o planeta Terra.

Na década de 70 começou a se discutir com mais ênfase sobre os problemas ecológicos em escala global. Um desses primeiros encontros mundiais aconteceu em Estocolmo, em 1972 na Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente; 12 anos depois, em 1984, outra conferência deu origem à Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, os trabalhos dessa comissão encerraram-se em 1987 com o relatório Brundtland intitulado Nosso Futuro Comum. Foi a partir daí que apareceu a expressão desenvolvimento sustentável, definido como “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem a suas necessidades e aspirações” (BRUNDTLAND, 1987, p.41). Como resultado deste relatório, uma nova conferência foi convocada para dar continuidade à discussão no Rio de Janeiro, em 1992, conhecida também como a Cúpula da Terra. E desde então têm sido realizados encontros, conferências, no entanto, muito foi falado, discutido e poucas ações foram colocadas em prática para a interrupção da degradação ecológica, infelizmente. Após a Conferência Rio+5, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1997: analistas concluíram que cada vez mais fica evidente a contradição entre a lógica do desenvolvimento capitalista, que procura maximizar o lucro em detrimento da

natureza, e entre a dinâmica do meio ambiente que é regida pelo equilíbrio, pela interdependência de todos com todos e pela reciclagem de todos os resíduos, nada se perde, tudo é reaproveitado, reciclável, reutilizável, não existe lixo na natureza. Sobre o resultado de todas essas conferências podemos dizer que:

> O saldo positivo de todas essas conferências da ONU foi um crescimento de consciência na humanidade concernente à questão ambiental, não obstante persistia ainda ceticismo em um bom número de pessoas, de empresas e até de cientistas. Entretanto, os eventos extremos se têm multiplicado tanto que os céticos já começam a tomar a sério a questão das mudanças climáticas da Terra. A expressão "desenvolvimento sustentável" começou a ser usada em todos os documentos oficiais dos governos, […] e nos meios de comunicação. (BOFF, 2012, p.36).

Esse crescimento de consciência, mencionado pelo autor supracitado, também é o resultado do trabalho dos jornalistas na cobertura desses eventos, que divulgaram e propagaram a informação sobre meio ambiente dessas conferências, promovendo um debate coletivo e global sobre essa temática. Infelizmente todas as discussões sobre temáticas ambientais não promoveram ações efetivas para que se cessasse a degradação do meio ambiente. É urgente a utilização de novas abordagens jornalísticas para a promoção da melhoria da conscientização e discussão sobre desenvolvimento sustentável.

Um modo de vida sustentável precisa ser pensado, refletido, planejado e principalmente colocado em prática por todos os habitantes do planeta nos níveis, nacional, regional e global. O conjunto de processos e ações que se destinam a manter a integralidade e a eficácia do lugar que habitamos a preservação dos seus ecossistemas e todos os micros e macros sistemas que o compõem, e que possibilitam a existência e a reprodução da vida no atendimento das necessidades das atuais e futuras gerações, sua respectiva continuidade, expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões, é o que sinteticamente, a sustentabilidade se propõe.

O panorama ecológico no qual a população mundial se encontra, sendo alguns países mais degradados ambientalmente e outros menos, estão num estágio tão avançado de desgaste no que concerne a forma de produzir, distribuir, consumir e habitar a Terra, que se algo não for feito para interromper este processo, não será possível salvar a civilização e a própria espécie humana.

Todos, individual e coletivamente, são chamados a desenvolver um sentimento de interdependência global. A sustentabilidade deve ser utilizada numa perspectiva

universal não é possível garantir a sustentabilidade de um determinado grupo sem afetar outros grupos que estão próximos e ou distantes dele. Tudo está conectado. As ações realizadas, não importando se executadas isoladamente ou em grupo, afetam direta ou indiretamente outros seres humanos e a natureza também. Tão importante quanto esta interdependência é a relevância da responsabilidade universal.

> Isto significa que importa tomar em alta consideração as consequências benéficas ou maléficas de nossos atos, de nossas políticas e das intervenções que fazemos na natureza, que podem destruir o frágil equilíbrio da Terra e, caso usarmos armas de destruição em massa, fatalmente faríamos desaparecer a espécie humana. (BOFF, 2012, p.16).

Uma sociedade será sustentável quando conseguir se organizar e se comportar de tal forma que, através das gerações, conseguirá garantir a vida das pessoas e dos ecossistemas nos quais está inserida. Quanto mais uma sociedade faz uso de recursos renováveis e recicláveis, mais sustentável ela será. Aqui estão sendo exemplificados apenas fatores relacionados ao meio ambiente, mas é importante mencionar também que existem outros fatores relacionados à sustentabilidade como desenvolvimento social, econômico etc. durante todo o processo de desenvolvimento tudo está conectado.

Para se desenvolver uma maneira de ser e viver sustentável, primeiramente é preciso que exista uma ética ecológica, um conjunto de valores e princípios que norteiam um bem viver equilibrado. Um jeito de ser, indivíduo e coletivo, que entende que é preciso utilizar os recursos com parcimônia, consumir com inteligência racional e principalmente emocional, lembrando que estamos todos interligados e que a repetição das nossas ações afeta quem está próximo e também as gerações futuras.

Diante da urgência de poder colaborar para preservação do planeta e consequentemente dos seres vivos que aqui habitam, o jornalista pode agir efetivamente através da sua mais eficiente ferramenta: a Comunicação. Nesse projeto não se entende o jornalista como mero transmissor de informação, o profissional de comunicação é um educomunicador, capaz de informar, encantar, inspirar, transmitir novos conhecimentos, contribuir em promover a educação, a reflexão e o pensamento humanista e crítico através do estudo e da produção de textos jornalísticos como alavanca para educar, conscientizar e construir uma sociedade mais crítica.

A problematização em torno da inexpressiva cobertura jornalística ambiental em Manaus faz recorrer a algumas teorias (da Comunicação e outras áreas) para buscar respostas acerca da ocorrência deste problema. A utilização de teorias não

pretenderá ser um fim, pelo contrário, o meio, mais um suporte, uma ferramenta de investigação na elucidação do problema. Uma delas é a teoria do agendamento ou também conhecida como Agenda *setting*.

> A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. (PENA, 2012, p.142).

Além da teoria: Agenda *setting*, vamos analisar outras teorias que poderão explicar as razões para um possível agendamento ou não das notícias sobre o meio ambiente, como as teorias Instrumentalista e Organizacional. A análise dessas teorias vai ajudar a entender também como funciona a produção da notícia e quais influências sofre no exercício do jornalismo ambiental.

O Jornalismo Ambiental encontra suficiente amparo legal na lei Federal 9.795, de 27 de abril de 1999, que implantou a Política Nacional de Educação Ambiental, que garante a democratização da informação ambiental. Na Constituição Federal de 1988, um capítulo inteiro (Capítulo VI) aborda o meio ambiente e determina:

> Todos têm Direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, art. 225).

Entendemos que o jornalista também tem esse dever cívico no cumprimento desse artigo da Constituição Federal, concorrendo para a fiscalização desse meio ambiente ecologicamente equilibrado na divulgação, repercussão e acompanhamento das notícias que abordem as causas ambientais visando proteger e conservar o meio ambiente.

O jornalismo ambiental é um jornalismo especializado, e acima de tudo é comprometido com a vida e o bem-estar social. Não se trata meramente de jornalismo que fala de meio ambiente, mas sim aquele que ao tratar sobre pautas ambientais agregando a visão sistêmica. Essa visão agrega uma unidade complexa centralizada no todo composta de vários sistemas e suas inter-relações com o meio ambiente num nível transdisciplinar.

Essa pluralidade de sistemas pode ser interpretada como diversidade de assuntos, interesses, grupos sociais, tecnologias, ecossistemas etc. e suas

interdependências. De acordo com Loose (2012) existe uma classificação das funções do jornalismo ambiental:

> Há um destacado espaço para a política, no sentido de mobilização da sociedade. As duas outras, a informativa (preenche a necessidade de o leitor estar em dia com os temas atuais) e a pedagógica (explica os motivos e aponta as soluções) são também relevantes, mas só chegarão a promover outras atitudes mediante o sucesso da primeira. O sentido de levar a informação ambiental para um público leigo, não especializado, está intricado na expectativa de futuras mudanças de hábitos e valores. (LOOSE, 2012, p. 4).

Um jornalismo ambiental bem feito assume vital relevância não apenas no sentido de informar, mas também de educar as pessoas para uma sociedade melhor. O jornalismo ambiental vai além do jornalismo especializado, ele traz consigo o senso de coletividade, cidadania, conscientização. Percebe-se dessa forma que o jornalista de meio ambiente ora é sujeito, ora é objeto da notícia, evidenciando a interdependência com o meio.

Segundo Morin (2005, p.12) “a inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada”, ou seja, deve-se evitar o paradigma da simplificação, tão disseminado por Descartes, que separava o sujeito do objeto.

A expressão meio ambiente possui diversos significados dependendo do contexto, neste artigo a definição utilizada para meio ambiente será a assumida por Bueno:

> Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes etc.), mas inclui as interações sociais, as culturas e as expressões/manifestações que garantem a sobrevivência humana (política, economia, etc.). (BUENO, 2007, p. 33).

É essa complexidade de relações, condições, influências que evidencia o pensamento complexo, proposto por Morin (2005), presente no fazer jornalístico de meio ambiente. Importante salientar que para Morin (2005) complexidade é diferente de complicado: essa complexidade tão presente no dia a dia das pautas ambientais se refere ao todo em nível transdisciplinar, a tudo (todos os saberes) que é tecido junto sem eliminar a simplicidade. Segundo Morin (2005) a complexidade realmente

surge na falha da simplicidade, integrando tudo aquilo que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. O pensamento complexo almeja por um saber não fragmentado, não redutor.

A convergência da visão sistêmica, com o pensamento complexo, não linear, transdisciplinar e interdependente, propõe um novo paradigma para os processos comunicacionais, feito por meio dos Ecossistemas Comunicacionais, que é uma nova abordagem, uma nova perspectiva teórico-metodológica para se produzir e entender a notícia de meio ambiente, baseada na visão ecológica, proposta por Capra (2006), tal visão concebe o mundo de maneira holística, como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas.

O termo Ecológico, utilizado por Capra (2006) está ligado a uma escola filosófica específica, criada pelo filósofo norueguês, Arne Naess, em 70, chamada Ecologia Profunda, que difere da Ecologia Rasa, antropocêntrica. Foi o filósofo norueguês que cunhou a expressão Ecologia Profunda em 1972, para designar a equivalência entre seres humanos e as outras espécies integradas em ecossistemas em funcionamento. A ideia de meio ambiente na maioria das vezes está associada às categorias de Ecologia Rasa e Profunda. Essas nomeações têm a ver com a relação homem-natureza, mostrando a superioridade ou a igualdade da raça humana em relação à natureza ou ao ambiente natural. Capra (2006, p.26,) foi um importante divulgador dessas concepções, alertando para a necessidade da humanidade se desenvolver um olhar voltado para a Ecologia Profunda.

A ecologia rasa e antropocêntrica, é a ecologia centralizada no ser humano. Ela percebe os seres humanos como a parte, superior, fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de utilização, da própria natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos - ou qualquer outro ser vivo - do meio ambiente natural. Na ecologia profunda, entende-se o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

A perspectiva Ecossistêmica é norteada pelos preceitos da Ecologia Profunda e reconhece a interdependência fundamental de todos os sistemas, ampliando esses sistemas também para os indivíduos e sociedade, estando todos conectados nos processos cíclicos da natureza, formando teias.

É fazendo uso dessa perspectiva que o jornalista pesquisa, investiga e produz informação: fazendo as conexões entre os saberes, sem fragmentar, entendendo que tudo e todos estão conectados fazendo trocas.

Tomando como ponto de partida que o jornalista é um influenciador, é um formador de opinião, o jornalista que escreve sobre meio ambiente precisa sair um pouco do compartimento da comunicação e se debruçar sobre história, geografia, antropologia, e todos os outros conhecimentos que antes eram vistos como antagônicos ou diferentes da comunicação, e enxergar que os saberes são complementares, inclusive aqueles que não são científicos como, o conhecimento popular, artístico, religioso, cultural, ancestral, etc. É necessária uma nova abordagem comunicacional mais abrangente, plural e mais interessada na defesa dos menos favorecidos. Será a partir dessa comunhão de saberes e interdisciplinariedade que nosso trabalho utilizará a perspectiva teórico metodológica dos Ecossistemas Comunicacionais.

O entendimento, do ponto de vista da biologia, do que é o meio ambiente, os seres vivos, os organismos, a ecologia, o sistêmico, e a interdependência entre eles serão utilizados, analogamente, para explicar os processos comunicacionais. Nessa nova abordagem, sistêmica, todos os envolvidos no processo da comunicação se interagem e estão conectados. Para tanto, a autora explica que:

> Entender que a comunicação não é um fenômeno isolado [...]. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diferentes, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que, este tende à se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura. (PEREIRA, 2011, p. 3).

A comunicação na perspectiva ecossistêmica tem essa abordagem: considera tudo e todos os envolvidos no processo comunicativo, os quais influenciam e são influenciados, como se fossem teias formadas por vários nós que se interconectam entre si, tornando o processo comunicativo dinâmico e dependente dos próprios elementos que o compõem.

> Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. (PEREIRA, 2011, p. 51).

Analisar os processos comunicacionais na perspectiva ecossistêmica é utilizar uma interpretação mais abrangente considerando que tudo e todos envolvidos no processo comunicacional interferem no processo em si, e que estão em constante mudança significando e ressignificando a mensagem.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

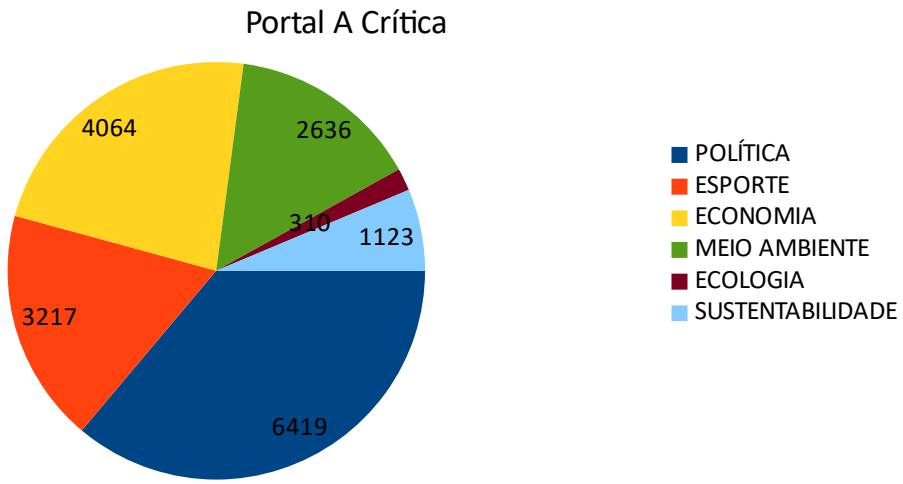
O resultado da coleta de dados da pesquisa demonstra características muito semelhantes entre os dois veículos analisados, Portal Em Tempo e Portal A Crítica. Ao se fazer uma busca em ambos os portais com a palavra “Meio Ambiente”, nota-se uma diferença na quantidade de matérias relacionadas com essa palavra-chave entretanto, essa diferença quantitativa entre os dois não é um indicador de análise a ser estudado, porque existem razões diversas para essa diferença como, por exemplo, o ano em que cada *website* iniciou a publicação das matérias como também com o filtro de busca utilizado por cada portal e como também cada título da matéria é tipificado. Também foi observado que os dois veículos associam a palavra-chave dos títulos de forma diversa, mas essa análise não é nosso objeto de estudo. O nosso objetivo principal é analisar matérias de Meio Ambiente no período de 2015, 2016 e 2017. Ressaltamos que o primeiro resultado que obtemos é quando digitamos a palavra “Meio Ambiente” dentro da ferramenta de busca da página do portal e temos, no Portal A Crítica: 2636 resultados e, no Portal Em Tempo: 4085 resultados.

Figura 1 - Resultados da busca na A Crítica
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Figura 2 - Resultado busca Em Tempo
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Ao colocarmos outras palavras chaves, relacionando-as com temas e editorias análogas ao que fizemos com a palavra Meio Ambiente, percebemos diferenças na quantidade de matérias quando comparamos a quantidade de matérias sobre meio ambiente. Como observa-se no gráfico 1, no Portal A Crítica, temas relacionados ao meio ambiente, nos três anos analisados, são os que apresentam menor resultado, ecologia (310 reportagens); sustentabilidade (1.123 reportagens). Entretanto, os temas relacionados com política e economia são os que apresentam maiores resultados - economia (4.064 reportagens); política (6.419 reportagens).

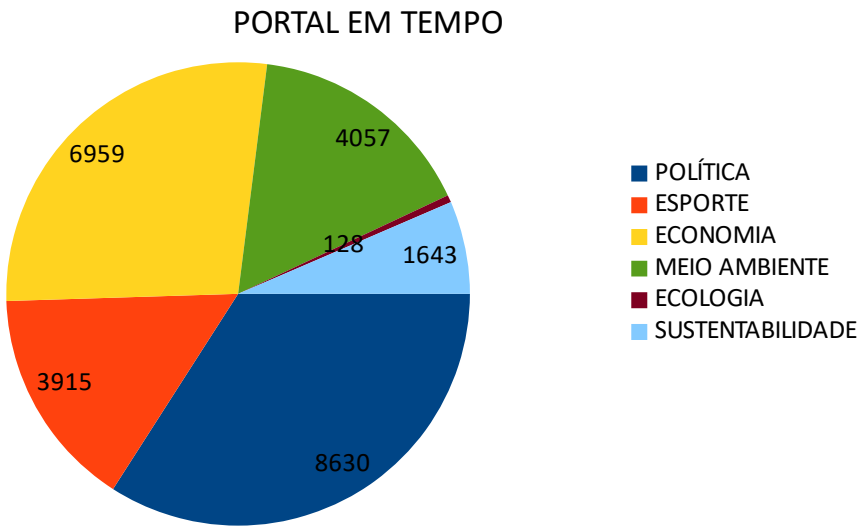
Gráfico 1 - Temas relacionado com política e economia do Portal A Crítica



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Observa-se o mesmo quando fazemos a busca no Portal Em Tempo, conforme Gráfico 2, que apresenta o resultado das matérias analisadas em três anos nos portais, temos um resultado de 128 matérias relacionadas com ecologia, 1.643 matérias sobre sustentabilidade, 4.057 relacionadas com meio ambiente, e os maiores resultados para política (8.630 reportagens), economia (6.959 reportagens).

Gráfico 2 - Temas relacionado com política e economia do Portal em Tempo



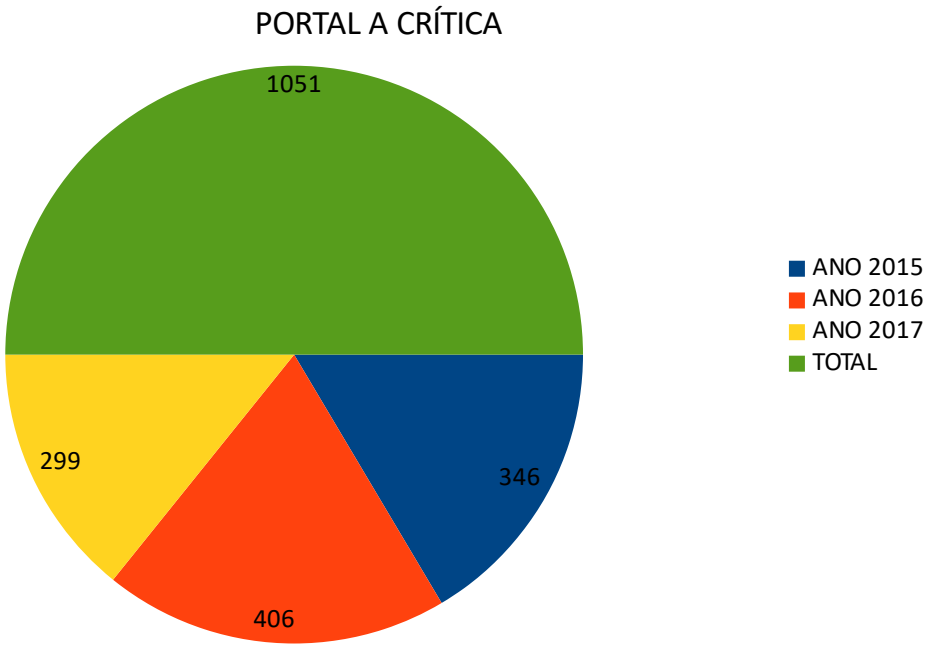
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Como foi dito anteriormente, vamos apresentar análise pormenorizada da coleta feita específica nos anos de 2015, 2016 e 2017. Para cada ano, analisamos todos os meses de janeiro a dezembro e ainda tipificamos as matérias em: Local - matérias sobre a cidade de Manaus e o estado do Amazonas; Nacional - matérias relacionadas ao meio ambiente em âmbito nacional (outros estados do Brasil); e por fim, Internacional - matérias sobre meio ambiente no mundo.

Antes de analisarmos essas tipificações, analisamos os números de matérias por ano. A escolha de iniciar a coleta pelo ano de 2015 foi por ter sido nesse ano a realização de um grande evento mundial em prol da causa ambiental, a conferência das nações unidas sobre as mudanças climáticas de 2015, que foi a 21.ª sessão anual da conferência das partes da convenção-quadro das nações unidas sobre as alterações climáticas(COP 21), que aconteceu na França de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015. Acreditamos que grandes eventos criam agendas e consequentemente conteúdo jornalístico para os veículos de comunicação, por isso analisamos a quantidade de matérias em 2015 e nos dois anos posteriores.

Conforme se observa no Gráfico 3, o maior número de matérias sobre meio ambiente, no Portal A Crítica, foi no ano de 2016 com 406 resultados, seguido de 346 resultados em 2015 e o menor em 2017 com 299 resultados, totalizando ao final dos três anos analisados, 1.051 reportagens sobre meio ambiente. A COP21 aconteceu no final do ano de 2015, natural que nos meses a seguir a imprensa faça um acompanhamento das notícias dando sequência as propostas do evento, e um outro indicador muito importante também é que com a realização de grandes eventos, criam-se agendas locais, criadas pelo Estado, Organizações Não Governamentais e Instituições sem fins lucrativos, ou seja, um ou mais eventos macros influenciam todos outros sistemas mas sobre a existências de agendas ambientais falaremos em análise posterior.

Gráfico 3 - Resultados dos anos de mais publicação de matérias sobre Meio Ambiente do Portal A Crítica

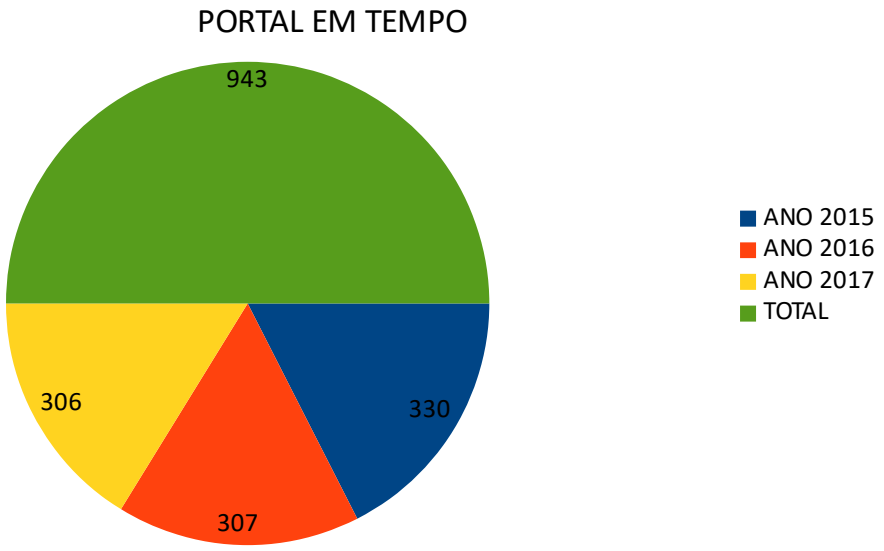


Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Na análise do Gráfico 4, observamos que no portal Em Tempo, entre 2015, 2016 e 2017, foram publicadas mais matérias em 2015 (330 reportagens), seguido por 307 reportagens em 2016 e 306 reportagens em 2017. Ao final dos três anos analisados foram produzidas 943 reportagens sobre meio ambiente. Aqui já se observa diferenças nos acompanhamentos das notícias entre os dois veículos analisados na pesquisa. Esse estudo identificou que o Portal A Crítica, diferente do outro veículo analisado, costuma fazer uma cobertura maior nos segmentos de matérias tidas como nacionais como também do interior do Estado do Amazonas. Ressaltamos que não se faz aqui qualquer juízo de valor, e qualidade dos veículos pesquisados. Cada empresa de comunicação tem sua própria linha editorial. Mas como essa pesquisa analisou todos os dias de todos os meses dos anos de 2015 a 2017, não poderíamos deixar de evidenciar essa diferença no acompanhamento das notícias de ambos veículos de comunicação. O fato de o portal A Crítica, ter números maiores nos

resultados de busca, também é explicado nesse acompanhamento maior de notícias sobre meio ambiente, de caráter Nacional como também de notícias de cidades do interior do Estado do Amazonas.

Gráfico 4 - Resultados dos anos de mais publicação de matérias sobre Meio Ambiente do Portal em Tempo



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

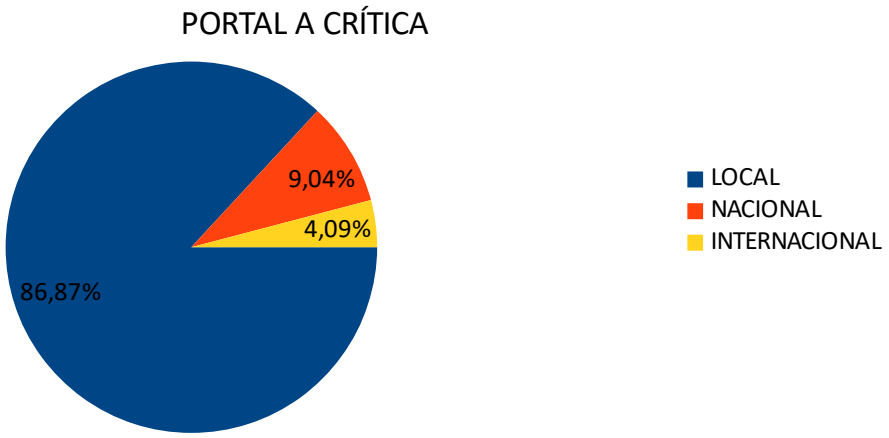
Sobre as categorizações que estabelecemos para tipificar as matérias, como era esperado, já que os dois veículos de comunicação são regionais/locais, constatamos nos dois portais analisados, que existem mais matérias Locais, seguidas das matérias nacionais e em menor número as matérias internacionais, conforme é demonstrado nos gráficos 5 e 6.

No Portal A Crítica (Gráfico 5), do total de matérias, nos anos analisados, mais de 86% das matérias são reportagens locais, 9.04% matérias locais e 4,09% são reportagens internacionais.

No Portal Em Tempo (Gráfico 6), a maior porcentagem também foi para as matérias locais, 83.32%, a segunda maior porcentagem foi 12.38% de matérias nacionais e a menor porcentagem também ficou para as matérias internacionais,

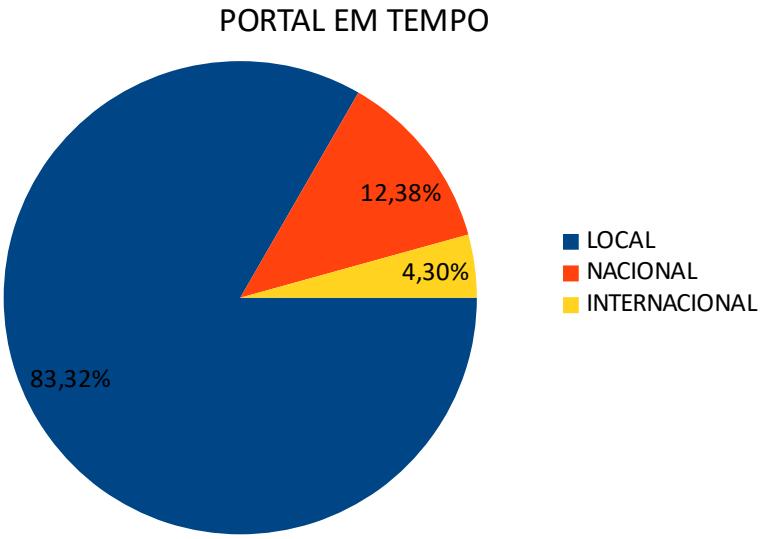
4.30%. Ambos os portais mantiveram o mesmo tipo de padrão na distribuição quantitativa no que diz respeito ao maior número de reportagens locais, seguido das matérias nacionais e em menor número as matérias internacionais.

Gráfico 5 - Tipificação das matérias em locais, nacionais e internacionais no Portal A Crítica;



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Gráfico 6 - Tipificação das matérias em locais, nacionais e internacionais no Portal em Tempo



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Essa pesquisa não tem como objetivo principal identificar e quantificar os assuntos das matérias de meio ambiente publicadas nos portais, entretanto elencamos alguns dos assuntos mais recorrentes nas publicações, alguns deles estão relacionados com a existência de agendas ambientais que foram identificadas em ambos Portais.

A recorrência, a repetição de assuntos na maioria das reportagens estão relacionadas com o que identificamos nessa pesquisa como agendas ambientais. Que são temas que geram conteúdos jornalísticos em uma determinada época, data e/ou circunstância. Ao longo dos três anos investigados identificamos agendas ambientais locais, majoritariamente associadas a questões sazonais (defeso, queimadas, inundações, transbordamento de igarapés, etc.), ações de entidades governamentais, secretarias de Estado e em poucos exemplos, ações de entidades não governamentais e/ou sem fins lucrativos.

Nos exemplos de agendas ambientais nacionais, foram identificadas agendas relacionadas a efemérides nacionais e internacionais (dia do meio ambiente, dia mundial em tabaco etc.) e a grandes eventos e acontecimentos em escala global, de grande apelo midiático (COP21, barragem em Mariana etc.).

Abaixo apresentamos alguns dos acontecimentos e efemérides, muito recorrentes, que fazem parte de agendas ambientas e/ou geraram outras agendas ambientais:

5.1. DIA MUNDIAL SEM TABACO

O Dia Mundial sem Tabaco é uma data celebrada anualmente no dia 31 de maio. Criada pelos Estados membros da Organização Mundial da Saúde.

5.2. DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

É celebrado no dia 5 de junho, foi criado pela Assembleia Geral das Nações Unidas na resolução em 15 de dezembro de 1972 com a qual foi aberta a Conferência de Estocolmo, na Suécia, cujo tema central foi o Ambiente Humano.

5.3. DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

É celebrado, no Brasil, em 20 de novembro.

5.4. SEMANA PRESERVAÇÃO DOS IGARAPÉS

Terceira semana de março realizado pela Prefeitura de Manaus.

5.5. DIA INTERNACIONAL DA RECICLAGEM

Foi criado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura), a ser comemorado no dia 17 de maio.

5.6. HORA DO PLANETA

A Hora do Planeta é um movimento anti-aquecimento global da ONG WWF para mobilizar a sociedade em torno da luta contra o aquecimento global, realizada desde 2007.

5.7. DIA DO ÍNDIO

Dia 19 de abril, evento nacional.

5.8. SEMANA DA ÁRVORE E DA ÁGUA

Dias 21 e 22 de março, evento Internacional.

5.9. CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DE 2015

Foi a 21.ª sessão anual da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (COP 21) - De 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015.

5.10. VIRADA SUSTENTÁVEL

Movimento de articulação entre pessoas, grupos e instituições, públicas e privadas, que tenham em comum o objetivo de melhorar a sociedade e o meio ambiente a partir de uma visão alegre e inspiradora da sustentabilidade, Local e Nacional.

5.11. FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL (FAS)

É uma instituição privada, não governamental e sem fins lucrativos brasileira. As ações da fundação estão voltadas principalmente para projetos de redução de desmatamentos e a preservação da biodiversidade em áreas do Amazonas, melhorando assim a qualidade de vida das populações tradicionais. Através de parcerias, empresas e outras organizações podem compensar suas emissões de carbono investindo em ações da fundação.

5.12. ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM MARIANA

Foi uma tragédia ambiental que ocorreu na tarde de 5 de novembro de 2015 em Mariana (MG), evento nacional.

Para além dessas agendas internacionais, nacionais, ainda existem aquelas que decorrem de algumas ações/programação de alguma secretaria e/ou órgão de estado

ligado ao meio ambiente estando relacionado ou não com alguma dessas efemérides ambientais. Para cada atividade, evento desses órgãos de estado, normalmente são feitas várias reportagens na semana do evento, também objetivando a divulgação do mesmo e dos seus realizadores. A exemplo disso é o “Arboriza Manaus”, ação realizada pela prefeitura de Manaus, com o objetivo de arborizar, tornar a cidade mais verde; outro exemplo são os eventos realizados pela Fundação Amazônia Sustentável (FAS), um dos eventos mais conhecidos dessa instituição, por exemplo é a “virada sustentável”. Foi observado também a ocorrência de matérias tidas como sazonais como por exemplo matérias sobre incêndios, queimadas, defeso (período em que as atividades de caça, coleta e pesca esportivas e comerciais ficam vetadas ou controladas). Este período é estabelecido de acordo com a época em que os animais se reproduzem na natureza. Visa à preservação das espécies e à fruição sustentável dos recursos naturais.

A seguir, exemplos de outros assuntos muito comuns relacionados com meio ambiente em ambos os portais: apreensão pescado e carne de caça ilegal; Lixo urbano; aterro sanitário; preservação do Sauim de coleira; coleta seletiva; ocupação irregular em áreas de proteção ambiental; Fórum Mundial de águas; Extração ilegal de madeira; derramamento de óleo nos rios; cheia de rio; licenças ambientais de garimpos; apreensão de animais silvestres em cativeiro; poluição do ar e poluição sonora; lixões a céu aberto; Incêndios; queimadas; abandono de animais; saneamento; Invasão de áreas verdes; venda ilegal de Pirarucu (peixe); produção clandestina de carvão vegetal; poluição de igarapés; lixo domésticos; recuperação da BR 319; plano de mobilidade urbana; biogás; usina hidrelétrica de Belo monte; desmatamento; madeira ilegal; efeitos climáticos; biopirataria; tráfico de animais; fumaça; garimpos ilegais etc.

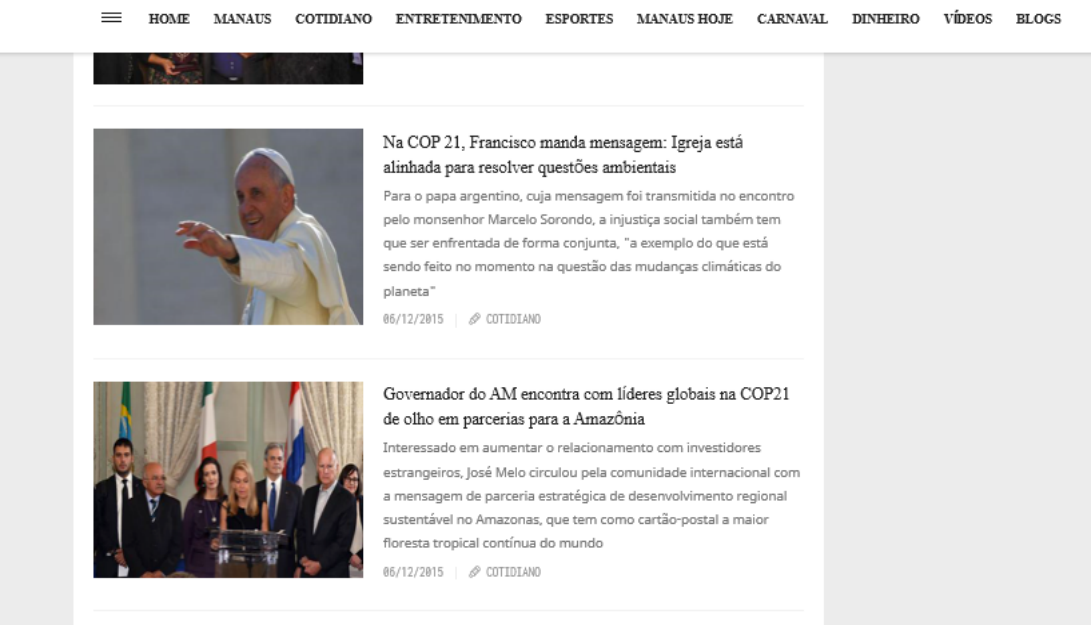


Figura 3 - Matéria sobre: “COP 21”. A Crítica 2015.
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Na Figura 3, apresentamos exemplos de reportagens que pertencem a agendas ambientais internacionais e locais: A primeira matéria (internacional) é sobre a participação do Papa Francisco na COP21; e na segunda reportagem, fala da participação do governador do estado do Amazonas, no mesmo evento. Ou seja, um único tema, COP21, que gera duas agendas – reportagens internacionais sobre o acontecimento e reportagens também sobre o acontecimento que tenha ligação, envolvimento regional, local.

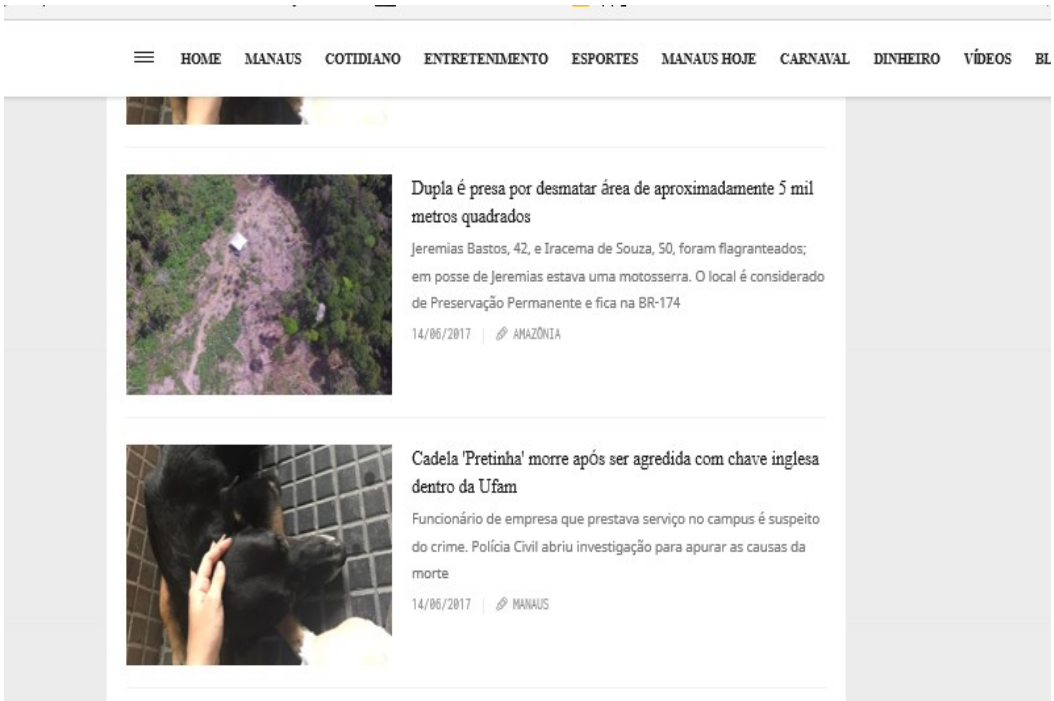


Figura 4 - Matéria sobre: "desmatamento"; "maus tratos animais". A Crítica 2017
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Nas figuras 4 e 5, indicamos exemplos de três reportagens locais, que integram agendas locais que divulgam ações de instituições de estado: “maus tratos animais”. ação da delegacia civil; “desmatamentos”, ação do IBAMA; “hora do planeta”, ação da secretaria de meio ambiente de Manaus.

emtempo OPINIÃO AMAZONAS POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA CULTURA CIÊNCIA E TECNOLOGIA ESPORTE SAÚDE COTIDIANO ESPECIAIS ANUNCIE

DIA A DIA - 29 DE MARÇO DE 2015 - 20:25

Hora do Planeta: mais de 350 se reúnem em abraço simbólico, na Lagoa do Japiim

... Secretaria Municipal de **Meio Ambiente** e Sustentabilidade... aos cuidados com o **meio ambiente**. Ela lembrou que ...

POLÍTICA - 29 DE MARÇO DE 2015 - 04:00

Nova secretária de Educação do município fala sobre 'pressão' e novos desafios

... de deixar a pasta de **Meio Ambiente**, que ocupava há 2... modernas acontecem no **meio** urbano, e que levamos ...

DIA A DIA - 27 DE MARÇO DE 2015 - 14:49

Lagoa do Japiim e três shoppings de Manaus vão apagar as luzes na 'Hora do Planeta'

... de contribuir com o **meio** em que vivemos, ainda... possíveis saídas de ar do **ambiente**, fechando as ...

CULTURA - 27 DE MARÇO DE 2015 - 06:00

Karine Aguiar presta tributo à música de Adelson Santos, no Caua

... graduação em ciências do **ambiente** e sustentabilidade... também da Ufam. "Por **meio** da riqueza crítica ...

Figura 5 - Matéria sobre: "hora do planeta". Em Tempo 2015.

Fonte: Janaína Filardi, 2019.

emtempo OPINIÃO AMAZONAS POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA CULTURA CIÊNCIA E TECNOLOGIA ESPORTE SAÚDE COTIDIANO ESPECIAIS ANUN

DIA A DIA - 25 DE ABRIL DE 2017 - 20:16

Arboriza Manaus faz manutenção de mudas em três pontos de Manaus

... Secretaria Municipal de **Meio Ambiente** e Sustentabilidade... secretário municipal de **Meio Ambiente** e Sustentabilidade ...

CULTURA - 25 DE ABRIL DE 2017 - 19:18

Prefeitura já arrecadou 1,6 mil livros para doar em Feira nos Bilhares

... Secretaria Municipal de **Meio Ambiente** e Sustentabilidade (Semmas), na rua Rubídio, 288, bairro V ...

DIA A DIA - 25 DE ABRIL DE 2017 - 09:03

Jogar lixo na rua poderá custar R$998

... impacto negativo no **meio ambiente**. "São muitos os riscos causados pelo acúmulo de lixo, mesmo os ...

CULTURA - 24 DE ABRIL DE 2017 - 14:59

Ecam recebe exposição fotográfica 'Trabalhadores' pelo Abril Verde

... Instituto Brasileiro do **Meio Ambiente** e dos Recursos... Vara Especializada do **Meio Ambiente** e de Questões Agrárias ...

Figura 6 - "campanha arboriza Manaus"; Em Tempo 2017.
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Nas figuras 6 e 7, mais exemplos de pautas ambientais locais, que fazem parte de agendas de instituições governamentais: “campanha arboriza Manaus”, ação realizada pela secretaria municipal de meio ambiente; “caça ilegal”, multa e apreensão de caça ilegal, trabalho realizado pelo IBAMA.

Figura 7 - Matéria sobre: "igarapés"; "caça ilegal". A Crítica 2016
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

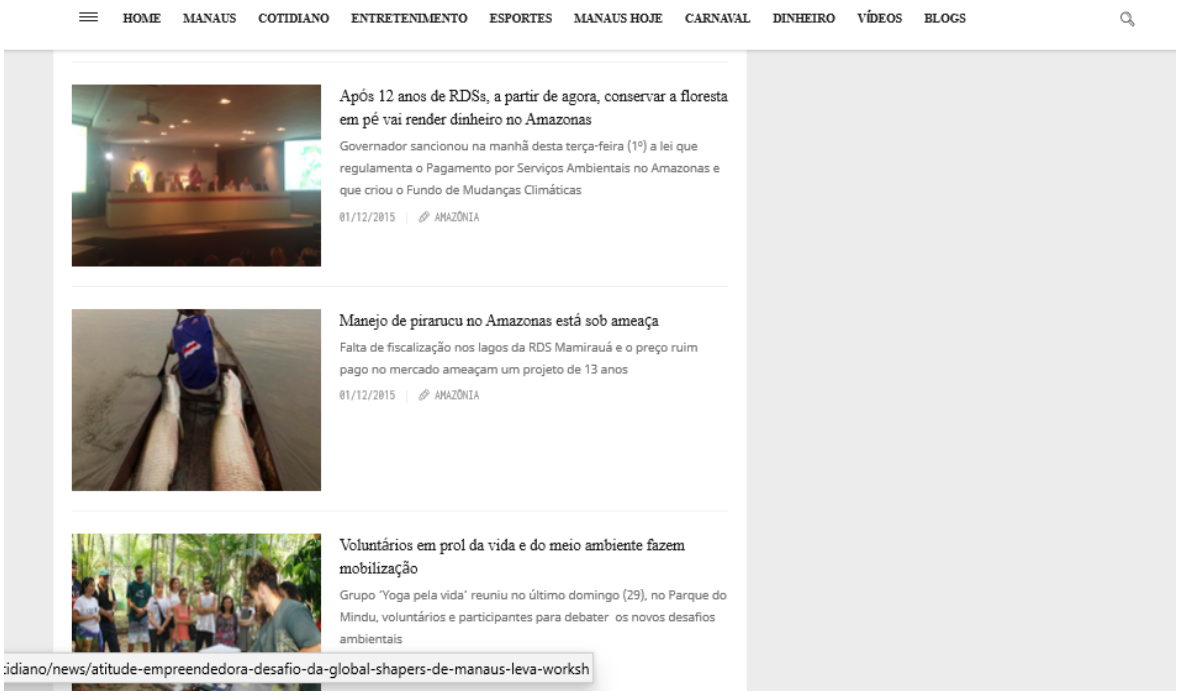


Figura 8 - Matérias sobre: "floresta"; "manejo pirarucu". A Crítica 2015
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Nas figuras 8, 9 e 10, mais exemplos de matérias locais que refletem pautas ambientais locais: na matéria “floresta”, divulgação da primeira lei estadual que regulamenta pagamento por serviços ambientais; “queimadas”, ação de combate as queimadas da secretaria estadual de meio ambiente; “sauim de coleira” - ação do ministério público , para proteger a área ecológica que abriga os macacos sauim de coleira.

Figura 9- Matérias sobre: "queimadas"; "campanha arboriza Manaus"; "semana Meio Ambiente". Em Tempo 2016
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

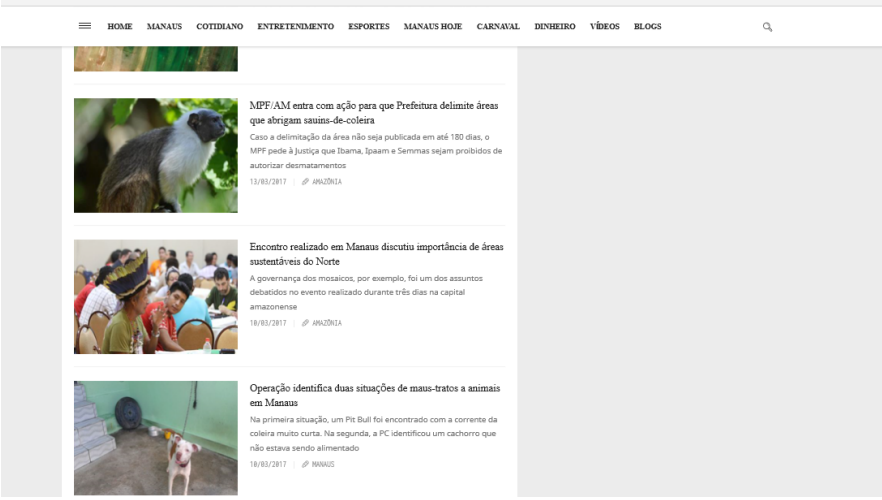
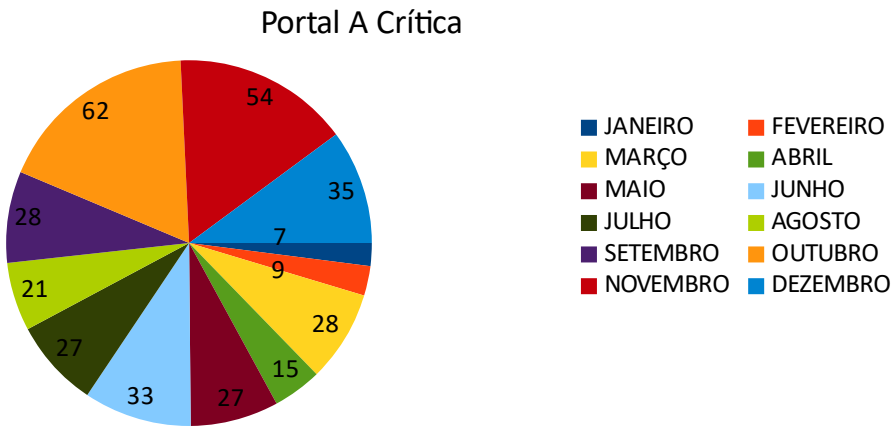


Figura 10 - "Sauim de coleira". A Crítica 2017.
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

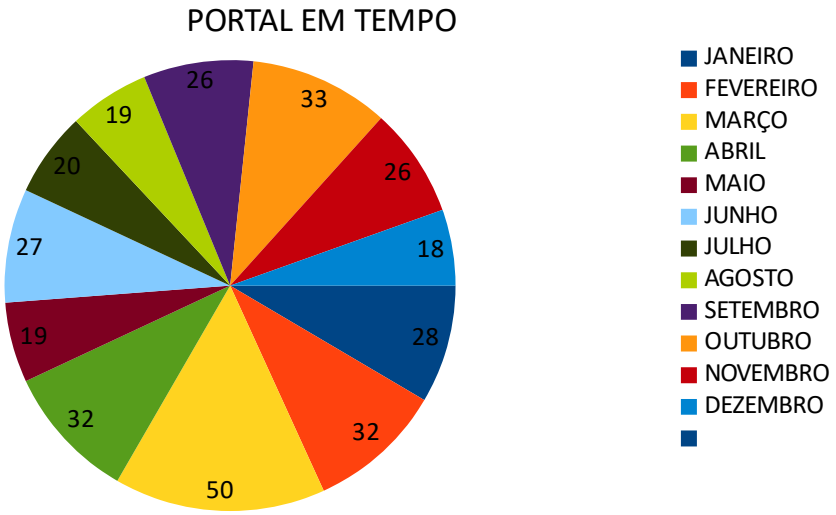
A seguir nas representações gráficas de 7 a 12, apresentamos os resultados de coleta de todos os meses, divididos por anos em cada portal de notícia. Conforme já referimos anteriormente, o ano que teve o maior número de publicações de notícias sobre meio ambiente foi 2015. Identificamos um aumento expressivo de matérias no mês de novembro (Gráfico7), mês em que aconteceu a COP 21, relacionamos esse crescimento a cobertura do evento internacional.

Gráfico 7 - A CRÍTICA, TOTAL 2015



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

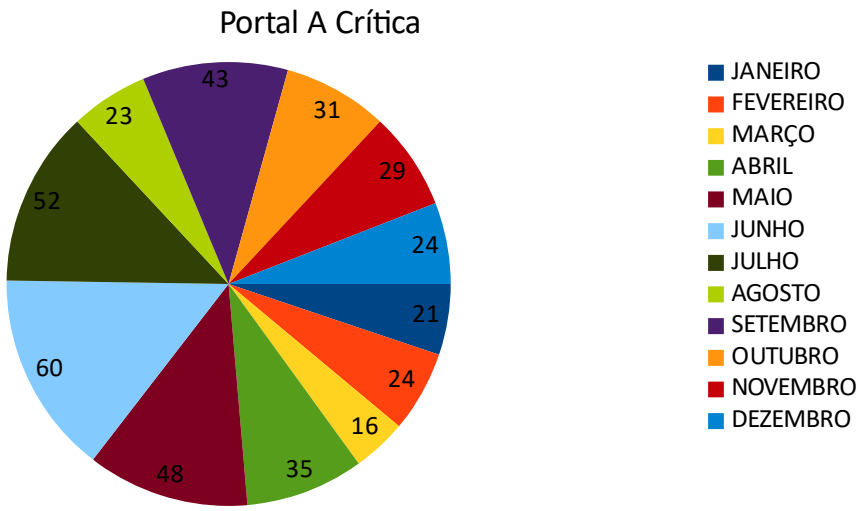
Gráfico 8 - EM TEMPO, TOTAL 2015



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

No Gráfico 7, observa-se a maior quantidade de matérias no mês outubro de 2015 (62 reportagens) mês que antecedeu o COP21, e depois o segundo mês com o maior volume de matérias é o próprio mês de novembro (54 reportagens) quando aconteceu o evento. No gráfico 8, a maior quantidade de matérias em 2015, no Portal Em Tempo, foi no mês de março, mês que houve muitas reportagens sobre ações de secretarias do governo estadual. O segundo mês com o maior número de matérias (33 reportagens) foi o mês de outubro, período que antecedeu ao COP21. Em outros meses e anos a média mensal não oscilou muito; em outros meses que também houve algum aumento foram nos meses de julho a setembro quando acontece o verão amazônico e é comum fazer acompanhamento de notícias sobre queimadas, incêndios florestais etc. No Geral, mantém-se uma média de 20 a 25 publicações por mês.

Gráfico 9 - A CRÍTICA, TOTAL 2016

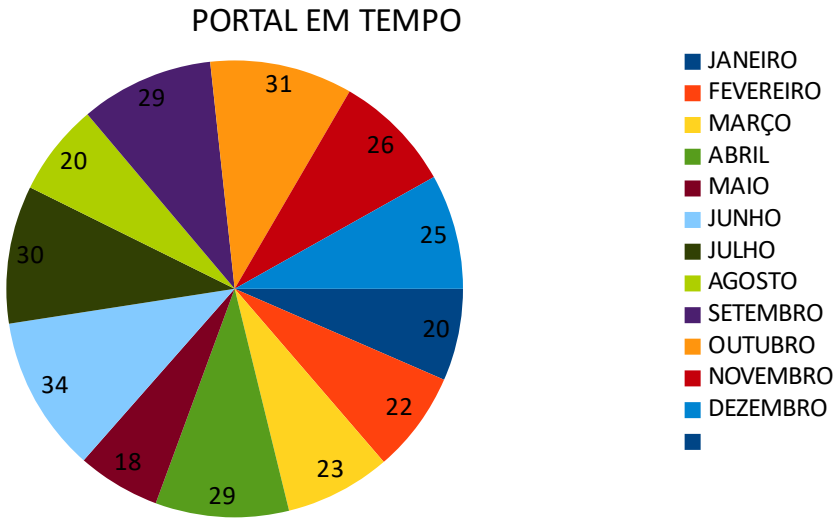


Fonte: Janaína Filardi, 2019.

No Gráfico 9, no Portal A Crítica no ano de 2016, o mês em que houve mais reportagens ambientais foi o mês de junho (60 reportagens), e segundo mês com mais reportagens foi o mês de julho (52 reportagens). Uma das razões para esse aumento de reportagens nesses meses foi o efeito COP21 – após um grande evento internacional, é esperado que se criem mais conteúdos sobre o tema, principalmente no mês o qual celebra-se o dia do meio ambiente, em junho.

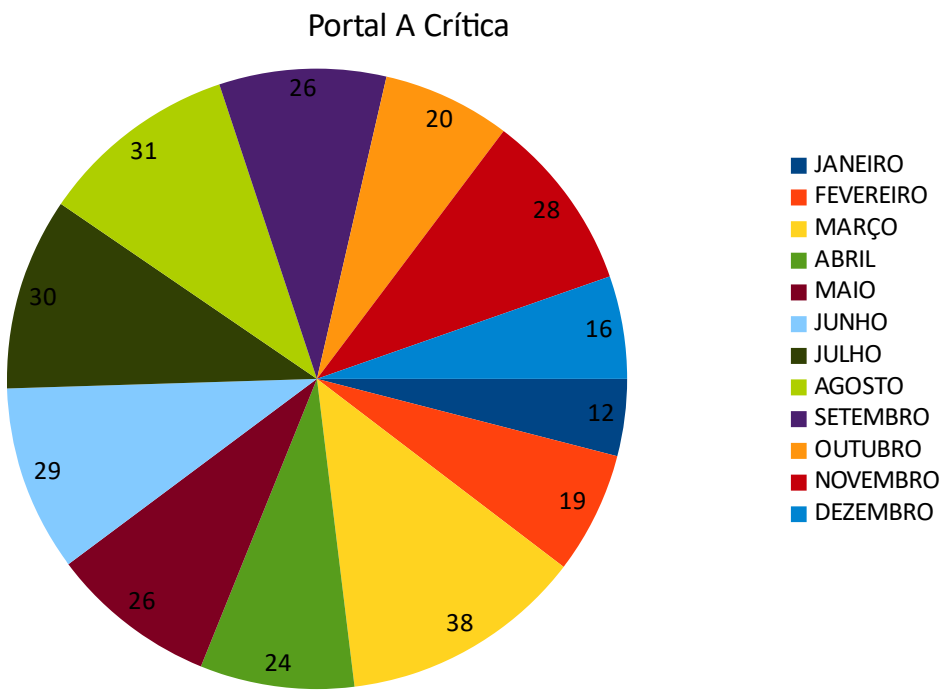
No gráfico 10, total de matérias no Portal Em Tempo no ano de 2016, não oscilou tanto em relação ao volume de matérias, como aconteceu no Portal A Crítica. O mês com mais matérias ambientais também foi o mês de junho (34 reportagens), também pelas mesmas razões – mês do meio ambiente. Seguido dos meses de julho (30 reportagens) e outubro (31 reportagens).

Gráfico 10 - EM TEMPO, TOTAL 2016



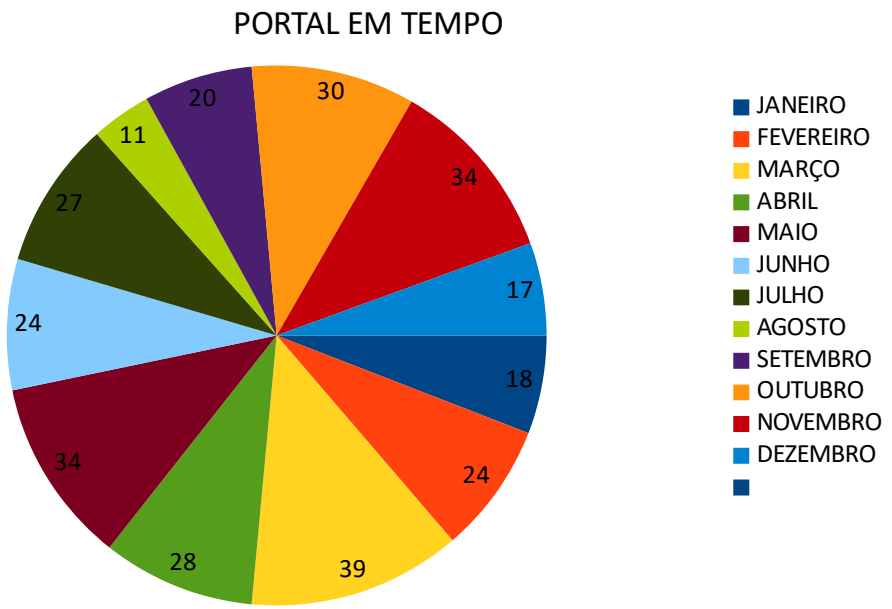
Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Gráfico 11 - A CRÍTICA, TOTAL 2017



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Gráfico 12 - EM TEMPO, TOTAL 2017



Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Nos gráficos 11 e 12, observa-se o maior número de matérias no mês de março: 39 reportagens no Portal Em Tempo, e 38 reportagens no Portal A Crítica. Neste mês de maior volume de reportagens, observou-se também a ocorrência de maior diversidade de temas ambientais: dia mundial da água, desmatamento, práticas sustentáveis, hora do planeta, maus tratos animais, caça ilegal etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o princípio quando começaram a utilizar a comunicação como ferramenta de manipulação da informação para muitos já se notava, a exemplo do que acontecia no antigo regime, a comunicação como instrumento de centralização de poder. Em séculos passados a comunicação servia exclusivamente aos propósitos ora da monarquia, ora dos grandes comerciantes, ora do clero e desde então muita coisa mudou principalmente com o surgimento do conceito de esfera pública proposto por Habermas (1989). Entretanto, apesar do modelo de comunicação ter mudado, as empresas de comunicação no mundo de forma geral continuam a ser geridas por grupos que detêm o poder e/ou também por famílias muito ricas e poderosas, e investidores milionários do mundo *business*, ou seja, uma comunicação manipulada por poucos e dirigida para muitos.

O fazer jornalístico direcionado para pautas sobre meio ambiente precisa por vezes ser desvinculado de algumas normas técnicas como, por exemplo, a imparcialidade e atualidade: o comunicador muitas vezes precisa de forma objetiva tomar partido, demonstrar que está a favor dos menos favorecidos e em prol das causas socioambientais; o comunicador precisa acompanhar os desdobramentos de uma notícia não deixando o assunto ficar esquecido.

O desafio de qualquer comunicador, como é óbvio, para quem habita nas redações de periódicos diários é, como fazer com que pautas ambientais que não são factuais, não são notícias espetáculo como por exemplo, desastres ambientais, sejam notícia quando estão competindo por espaço com notícias que divulgam a ação de uma secretaria de Estado a qual a empresa de comunicação apoiou a candidatura do Governador; ou quando o projeto de lei que vai ser votado é da autoria de algum deputado que é parente da família dona do jornal; ou ainda, quando o torneio de futebol do time da cidade tem o patrocínio do jornal; ou ainda, quando um grande investidor imobiliário paga por uma matéria sobre novo investimento imobiliário que será inaugurado.

As hipóteses são muitas para que a notícia de meio ambiente não tenha o mesmo destaque. E a lógica de todos esses critérios de seleção e principalmente, não-seleção da notícia encontram-se fundamentados em algumas teorias da comunicação como, a do agendamento (*Agenda Setting*), instrumentalista e organizacional.

Com todas as facilidades de acesso à notícia, os meios oficiais e tradicionais de comunicação como jornais impressos e, suas versões *on-line*, televisão, e suas versões em *stream*, e rádio, também com suas versões em *stream*, continuam a ser uma das mais importantes fontes confiáveis de notícia. O que isso quer dizer: se algum assunto tem espaço em algum desses meios é porque é real, é verdadeiro e é importante. As pessoas, de forma geral, tendem a repercutir o que é publicado nestes meios de comunicação e a partir desse momento se dá o agendamento, ou seja, se é notícia então as pessoas dão importância e comentam e repercutem. E este fenômeno é mais comum do que se pode imaginar e o questionamento que colocamos aqui é: de todos os agendamentos de notícias que acontecem todos os dias, quais são verdadeiramente em favor da sociedade e em particular das minorias?

As outras teorias que também nos apoiam para explicar a pouca cobertura da notícia de meio ambiente, são a organizacional e instrumentalista. Na primeira, o fator econômico é o mais influente. O contexto profissional, burocrático, exerce influência nas escolhas do jornalista. A autonomia do jornalista é consentida, só pode ser exercida se estiver de acordo com os preceitos da empresa. Resumindo, o jornalista não vive só de ideais e boas ações, também precisa de remuneração financeira e para tanto precisa, caso pretenda se manter empregado, fazer o que a empresa determina. A teoria instrumentalista é parecida com a organizacional, nesta teoria a notícia serve a interesses políticos, prioriza interesses específicos e serve para mobilizar a opinião pública. Os donos de jornal dizem aos seus editores que assuntos querem em pauta e estes mobilizam seus repórteres. Diante dessa lógica vigente dentro das redações, como se pensar em liberdade de imprensa? A liberdade é pautada e quase sempre utópica.

Ao responder as principais questões norteadoras dessa pesquisa, concluímos que em ambos os portais no período pesquisado, não havia editoria de meio ambiente; identificamos agendas ambientais, poucas, diante do cenário ambiental que atravessamos nas últimas décadas; existem uma diversidade de assuntos a serem explorados que se perdem diariamente e não entram nas pautas diárias. Não somente as notícias ambientais, mas todas as outras passam por critérios que fazem parte de várias teias, ecossistemas comunicacionais, que se interconectam em teias representadas por critérios profissionais e pessoais dos editores, linha editorial do veículo de comunicação, interesses políticos e econômicos da empresa e o factual da notícia. A importância socioambiental da notícia, por vezes, não é o que mais importa para publicação.

Foi analisado conteúdo jornalístico, mais de 6 mil títulos de reportagem, sobre meio ambiente no período proposto (2015 – 2017) no Portal A Crítica e Portal Em Tempo.

Foi demonstrado que, as razões pelas quais estas matérias são produzidas em menor quantidade quando comparadas a outras editorias, estão intrinsecamente conectadas e influenciadas por interesses profissionais, econômicos, pessoais, políticos, subordinados aos interesses da Direção dos veículos de comunicação; e depois, aos critérios editoriais do departamento de jornalismo de cada empresa, representado pelos editores chefes das redações, profissionais que aprovam ou não as sugestões de pauta.

Apresentamos fatos históricos do surgimento da imprensa/jornalismo e demonstramos a influência das pessoas que detinham o poder econômico e político sobre o fluxo da informação – fenômeno que perdura até a atualidade.

Identificamos pautas ambientais e as classificamos em : Locais, Nacionais e Internacionais.

Essa pesquisa concluiu que as poucas matérias ambientais ocorrem por diversos motivos, que vamos elencar os principais: invocamos os resultados dos inquéritos, nos quais 100% das respostas indicaram que a principal fonte de sugestão de pauta eram das assessorias de imprensa/comunicação; 50% dos respostas afirmaram que “ás vezes” existe liberdade para criticar ações do Estado; 50% das respostas afirmaram que “ás vezes” as matérias são comprometidas em difundir informações socioambientais.

Portanto, identificamos que existe pouco interesse por parte dos profissionais de comunicação apesar de trabalharem na Amazônia; a liberdade de imprensa e de exercício da profissão é “limitado” estando este condicionado, subordinado aos interesses da empresa e por fim, pouco comprometimento com o engajamento socioambiental.

No período investigado não existiu editoria de meio ambiente em ambos portais. Existem muito poucas agendas ambientais. Sendo a maior parte destas agendas, decorrentes de fenômenos circunstancias (ex: tragédia ambiental) e de efemérides que acabam por dar mais evidência as entidades e organizações que a promovem do que propriamente o tema em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 10. ed. São Paulo, SP: Graal, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é: o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio Ambiente.** São Paulo, SP: Mojoara, 2007.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

_____ Alfabetização ecológica: O desafio para a educação no século 21. In: TRIGUEIRO, Andre (org.). **Meio ambiente no século 21.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. **The political economy of human rights**. Boston: South End Press, 1979, v.1.

COX, Robert. **Environmental Communication and the Public Sphere.** 3. ed. Thousands Oaks, California: Sage Publication, 2013.

HABERMAS, J. **The structural transformation of the public sphere**. Cambridge: Mit Press, 1989.

HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da comunicação:** conceitos, escolas e tendências. 13. ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone – São Paulo, SP: Companhia das letras, 2015.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis,RJ : Vozes, 2004.

LEVY, D.P.C; SILVA, J.F. **Tendências investigativas sobre o Twitter no Brasil.** In: Contemporânea.[on-line]. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 151, 2013. Disponível em:< https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6999>. Consultado em 20 nov, 2017.

LOOSE, Eloisa Beling. **Análise de discursos especializados em meio ambiente:** como o jornalismo ambiental pode contribuir para um novo olhar. 2012. Disponívelem: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/06_Beling_M79.pdf>. Consultado em: 12 set,2017.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MALCHER, M. A.; SEIXA, N. S.dos Anjos; LIMA, R. L. Alves de, FILHO, O. Amaral (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia.** Belém: FADESP, 2011.

MARQUES DE MELO, J. **História do pensamento comunicacional**: cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. (2011). **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. 9. ed. São Paulo: Palas Athena.

MELO, JOSÉ MARQUES DE; ASSIS, FRANCISCO DE. **Gêneros Jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MINAYO, M.C. DE S. **O DESAFIO DO CONHECIMENTO**: PESQUISA QUALITATIVA EM SAÚDE. SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Tradução do Francês: Eliane Lisboa – Porto Alegre: Sulina, 2005

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

REPORT of the World Commission on Environment and Development. **Our Common Future.** 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>. Consultado em: 02 jul 2018.

ROSA, Antonio Machuco. **A comunicação e o fim das instituições** – Das origens da imprensa aos novos media. 2 ed. Porto: Media XXI, 2016.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

TOCQUEVILLE, A. **DE LA DEMOCRATIE EN AMÉRIQUE**. VOL. II. PARIS: GALLIMARD, 1961.

VIOLA, Eduardo; BOSSA, Larissa. O sistema internacional no Antropoceno. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [on-line]. São Paulo, v. 31, n. 92, p. 8, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v31n92/0102-6909-rbcsoc-3192012016.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

APÊNDICES

Formulário entrevista/Parte I

Fonte: Janaína Filardi, 2019

Formulário - Entrevista Editor Portal

Orientações: Esse questionário deve ser respondido de forma direta nas opções Múltipla Escolha e também pode ser respondido de forma textual (dissertativa) sempre que o entrevistado desejar, ao final do formulário no campo "Sugestões/Comentários".

*Obrigatório

1. **Endereço de e-mail** *

2. **Nome Completo** *

3. **1. Tem preferência por alguma editoria em particular (Política, Ambiente, Esporte, etc)? Qual?** *

4. **2. As pautas ambientais são sugeridas por:** *

Marcar apenas uma oval.

- Editores
- Repórteres
- Assessorias
- Fontes ligadas a área ambiental
- Outros

Formulário entrevista/Parte II

Fonte: Janaína Filardi, 2019

5.

3. Quantas matérias sobre Meio Ambiente (aproximadamente) são publicadas por mês? *

Marcar apenas uma oval.

- uma
- Mais de uma
- Mais de cinco

6.

4. Sobre as pautas de Meio Ambiente, enumere de onde as sugestões de pauta surgem, enumerando de 1 a 4 – 1 representa o maior número de sugestões de pauta e 4 é o menor: ( ) Assessorias ( ) Factual ( ) Redação ( ) Outros *

7.

5. Existe a preocupação de diversificar as fontes e ouvir pessoas ligadas ao governo, sociedade civil, pesquisadores ? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

Formulário entrevista/Parte III

Fonte: Janaína Filardi, 2019

7.

5. Existe a preocupação de diversificar as fontes e ouvir pessoas ligadas ao governo, sociedade civil, pesquisadores ? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Ás vezes

8.

6. Existe a liberdade de criticar as ações do Estado (Governo e Prefeituras) nas matérias? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Ás vezes

9.

7. Quanto as fontes científicas que são consultadas, existe um roteiro a seguir para ouvir mais de um pesquisador / especialista para abrir a possibilidade de haver diferentes interpretações de algum fenômeno? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Nem sempre

10.

8. A maioria das reportagens sobre Meio Ambiente preocupa-se com o factual do fenômeno, poucas exploram suas raízes históricas, seu contexto social. Por que você acha que isso ocorre? *

Marcar apenas uma oval.

- Pouco tempo para apuração
- Carência de especialistas

Formulário entrevista/Parte IV

Fonte: Janaína Filardi, 2019

10.

8. A maioria das reportagens sobre Meio Ambiente preocupa-se com o factual do fenômeno, poucas exploram suas raízes históricas, seu contexto social. Por que você acha que isso ocorre? *

Marcar apenas uma oval.

- Pouco tempo para apuração
- Carência de especialistas
- Falta de interesse do Repórter
- Outros

11.

9. Você considera que a sua atuação nas matérias sobre Meio Ambiente estão engajadas em difundir informações socioambientais no sentido de permitir ao leitor conhecer e envolver-se com questões ambientais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Às vezes

12.

Sugestões ou comentários

Resumo respostas inquéritos/Parte I

1. Tem preferência por alguma editoria em particular (Política, Ambiente, Esporte, etc)? Qual?

2 respostas

Política

Política, Cidades e Esportes

2. As pautas ambientais são sugeridas por:

2 respostas

3. Quantas matérias sobre Meio Ambiente (aproximadamente) são publicadas por mês?

2 respostas

4. Sobre as pautas de Meio Ambiente, enumere de onde as sugestões de pauta surgem, enumerando de 1 a 4 – 1 representa o maior número de sugestões de pauta e 4 é o menor: ( ) Assessorias ( ) Factual ( ) Redação ( ) Outros

2 respostas

1, 3, 2, 4

1 - Assessorias - 2 - Redação - 3 - Factual 4 - Outros

Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Resumo respostas inquéritos/Parte II

Fonte: Janaína Filardi, 2019.

Resumo respostas inquéritos/Parte III

Fonte: Janaína Filardi, 2019.

ANEXO

PARECER COMISSÃO DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

Continuação do Parecer: 3.614.037

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1408022.pdf	13/08/2019 14:00:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.pdf	13/08/2019 13:58:19	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
Brochura Pesquisa	proj_quali_janaina_denize_12ago2019.pdf	12/08/2019 16:37:30	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	InstrumentodePesquisaJanaina.pdf	12/08/2019 16:36:17	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CVJANAINA.pdf	12/08/2019 16:35:09	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
Outros	termo_anuencia_assinado2.pdf	12/08/2019 16:23:05	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
Outros	termo_anuencia_assinado1.pdf	12/08/2019 16:22:31	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE12082019_Janaina_Denize.pdf	12/08/2019 16:21:12	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada12082019.pdf	12/08/2019 16:19:34	JANAINA FILARDI DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

MANAUS, 01 de Outubro de 2019

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Fonte: Plataforma Brasil

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar da Pesquisa **(NÃO) COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE MEIO AMBIENTE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: A CRÍTICA E EM TEMPO**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Janaina Filardi da Silva**, email: filardi-silva@hotmail.com, com a orientação da Profa. Doutora **Denize Piccolotto Carvalho**, email: denize.piccolotto@gmail.com. Tem por objetivo geral analisar conteúdo, periodicidade dos textos jornalísticos sobre meio ambiente nas plataformas digitais de Manaus, demonstrando a influência dos Ecossistemas Comunicacionais nos processos comunicacionais da notícia.. Os riscos de sua participação na pesquisa são decorrentes dos seres humanos que estão dispostos a responder a questionários de forma oral ou escrita, deste modo podemos prever o cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões satisfação profissional e a quebra de sigilo. A pesquisadora prestará assistência integral ao participante da pesquisa e se ocorrer algum tipo de constrangimento será levado ao departamento de psicologia da Ufam. Se ocorrer algum dano físico a saúde do participante da pesquisa, o mesmo será conduzido pelo pesquisador ao Centro de Atenção Integral à Saúde(CAIS) para atendimento e cuidados com a saúde com qualquer profissional que houver necessidade. A realização da pesquisa que se dará em encontros presenciais, onde serão realizadas entrevistas com questionários abertos e fechados.

Caso, Vossa Senhoria aceite participar, estará contribuindo com a pesquisadora do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, à demonstrar com que frequência e tratamento as notícias sobre Meio Ambiente são divulgadas nas Plataformas Digitais, concorrendo para formação de cidadãos mais críticos sobre a temática referida. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá despesa alguma e também não receberá nenhuma remuneração pela participação. Se houver necessidade de despesas de transporte, alimentação ou qualquer tipo de material o pesquisador prevê o ressarcimento dos gastos decorrentes da pesquisa não somente ao participante, mas também para aqueles que o acompanham. No entanto, se houver qualquer dano a vossa senhoria no decorrer da pesquisa, há a garantia de indenização que está assegurada conforme Resolução CNS N. 466/2012. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, sua identidade será divulgada com sua permissão autorizada neste documento. O benefício da pesquisa será voltado diretamente a toda comunidade acadêmica e sociedade de maneira geral. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no telefone (92) 99314-2861 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181,ramal 204. e-mail: cep.ufam@gmail.com

Consentimento Pós–Informação

Eu,_____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

_____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Impressão dactiloscópica do participante

_____

Assinatura da Pesquisadora Responsável

_____

Assinatura da Orientadora da Pesquisadora

Data: __/ __/ ___

Fonte: Janaína Filardi, 2019.